

Feminismo**Por homens conscientes
de seu papel histórico**

IREDE CARDOSO

A cada dia que passa, continuam os assassinatos de mulheres. Dirão os recalitrantes: mas não se matam cavalos? Sim, homens e mulheres são assassinados, porém não igualmente. Há, como diz Orwell, os que são mais iguais que os outros. As mulheres são mais assassinadas. Há justiça neste País só para os pobres? Mesmo sabendo dessa supina verdade, até os ricos são diferentemente penalizados se forem do sexo feminino ou masculino. Bom, em resumo: mulheres são mais assassinadas e assassinados homens de mulheres são menos penalizados, ricos ou pobres.

Dirão: mas isso não muda? Tem mudado sim, graças à mobilização das mulheres que, mesmo em número diminuto, organizam-se para gritar (porque, contra certos tipos de surdez, não há aparelhos que resistam) sua discriminação. Não queremos mais ser discriminadas. Não queremos mais ser bodes expiatórios, coltado do sr. Doca Street! Seus ares condoídos de um remorso tardio fazem lembrar a mãe rigorosa que nos dizia: "Vá chorar na cama que é lugar quente."

Quando a Justiça é feita, o perdão é injusto. Não dá para perdoar nenhum tipo de covardia, mesmo porque o nome desse perdão é outro: é conivência, é cumplicidade. Perdoar vem de "per" mais "donare" e quer dizer doar completamente. Muito próximo de perder. Perder a vergonha, por exemplo, e aceitar o que nos dizem com a maior desfaçatez: mulher gosta de apanhar e, quem sabe, de morrer? O perdedor é o que sempre perdoa e não foi Cristo, esse exemplo de amor histórico infinito que deu por aí, umas chicotadas para valer?

Ah, a sorte de todos esses criminosos que surgiram bem antes da consciência de uma comunidade. Impunes, porque a Justiça funciona com o "oh tempora, oh mores." Mulheres começam a ter outro tipo de vergonha, agora não mais oculta por estúpidas folhas de parreira, agora não mais encerradas entre membros, bípedes e ambulantes. A vergonha deixou de ser anatômica para ser gestáltica, para ser vital, para ser global, para ser a vergonha de todo ser humano que luta por sua dignidade e não suporta ser aquele desprezível saco de pancadas ou bode expiatório.

A honra da mulher está justamente em outro lugar, quem diria? Nunca na boca de vendidos advogados, mostruosos resultados de uma época que estamos sepultando.

Doca Street é cantores de boleros (pobres boleros, são mais dignos) estão num momento histórico errado.

Nós queremos homens conscientes de seu papel histórico e não desejamos mais ser propriedade ou objetos de prazer ou desprazer. Não queremos mais, faz tempo, sutis acolchoados, sensualidades sob medida ou valendo dinheiro. Não queremos

senão ser sujeitos com prazer e com muito prazer a dar. Para quem desejarmos. Quanto tempo desejarmos. Porque, queiram ou não nossos detratores, nós desejamos. Desejamos prazer e homens atraentes. Atraentes segundo nossa lucidez. E ficamos tristes com Angelas Diniz, com Ellanes de Grammont e outras quase setecentas mulheres da periferia, desconhecidas e igualmente desejadoras, que também morreram, em menos de um ano, porque quiseram viver com sua maravilhosa sexualidade sadia, chela de "tesón e voluntad", como diria, sem censura, o maravilhoso índio Athaulpa Yupanqui. Desejosas de sermos companheiras de verdade, do amigo e delicioso homem que nos quer também, em nosso trabalho, na cama, no papo, na luta, na doença, na alegria, e que queremos igualmente, também em sua careca, barriga, no bigode, no sorriso, na idiosincrasia, na alegria, na vida.

E, para isso, não é preciso assassinar. Não é preciso massacrar. Não é preciso pegar de um revólver, um falus destruidor e castrador, enfiar nos olhos de quem se diz amar, o aço da morte premeditada, para varrer a vida que tudo tem de divino. Nós queremos cantar um amor, numa mesa de um bar, ao lado de um homem terno, a música lembrando da roseira, maninha, e tudo que ficou tão triste, maninha, depois que você se foi.

Queremos Angelas Diniz oferecendo um hino de sensualidade, não importa sua ideologia, mostrando a vida em suas curvas arredondadas, belas e feitas por Deus. O amor, pelos filhos, das mulheres que, mesmo mães e, talvez por isso, lutam, até a morte, pela liberdade. Queremos Ellanes e Marias e Dolores e Joanas e todas as mulheres vivas, proclamando seu imenso e inapagável amor pela liberdade. Cantemos esse hino de vida, que só pode ser divino. Para que esse imenso coro fique forte para vencer o tã-natos do mundo, não podemos deixar os monstros castradores impunes. Senhores: os homens matam mais mulheres, que as mulheres matam homens. Não vamos dar às mulheres o triste exemplo da impunidade. O mundo é masculino e temos que mostrar que há exemplo que, não devem ser seguidos por elas. O mais terrível, o mais triste, é o direito que o homem tem tido de matar para "lavar" sua triste e frágil "honra". Homens assassinos ou alienados: a raiva da injustiça, a gente leva ao sindicato, ao bispo, à associação, aos amigos. Deixem de ser covardes: não descarreguem nas mulheres a impotência, certos da impunidade. Por isso, a punição dos assassinos é a sede de justiça. Nós mudamos o mundo. E, quando se faz a justiça, o perdão é injusto. Doca Street vai ser julgado novamente. Que as mulheres, de uma vez por todas, deixem de ter uma vergonha velha e reconheçam que está na hora de colocar nossa nova vergonha no devido lugar.

Joinville aumenta as creches para atender as crianças carentes

JOINVILLE (do correspondente) — A necessidade da mulher trabalhar para aumentar a renda da família e a consequente falta de lugar onde deixar os filhos motivaram a Prefeitura de Joinville a criar os Centros de Educação e Recreação Infantil (Ceris), na cidade. Os Ceris são unidades que recebem as crianças quando a mãe sai para o trabalho e cuidam da alimentação, higiene e lazer até que ela volte, no final do dia. Até o momento são em número de nove e estão espalhados pelos diversos bairros da cidade, atendendo crianças na faixa etária dos 45 dias até 12 anos.

O projeto da Prefeitura teve as primeiras experiências concretas em 1974, na administração municipal de Pedro Ivo, do PMDB, obtendo continuidade com seu sucessor, Luís Henrique, do mesmo partido. Inicialmente, em 1972, foi realizada pesquisa socio-econômica para determinar a necessidade de aumento de renda familiar da população, numa cidade em que 70% dos habitantes possuíam renda inferior a três salários mínimos. Como maior centro industrial de Santa Catarina, a mulher desempenhava papel importante como mão-de-obra.

Assim, com esses dados à mão, uma equipe da Secretaria do Bem-Estar Social fez sondagens nos bairros periféricos da cidade, constatando a necessidade de creches e elaborou projeto que resultou no Ceris. Em 1974, uma experiência-piloto culminou com a fundação da primeira unidade, no populoso bairro de Iririú. Sua estrutura passou a ser modelo das outras unidades, onde existem cinco a seis turmas de crianças divididas em faixas etárias e contando com atividades pedagógicas, higiênicas, alimentares e repousantes. As crianças também ensalam e montam peças de teatro, têm aula de música popular e folclore, sob orientação de coordenadores especializados.

“Para a implantação de um desses centros” — afirma a secretária do Bem-Estar Social, Márcia Petry — “não há necessidade de edificações sofisticadas. Uma casa simples, de madeira, que permita a instalação de cozinha e ambiente confortável, pode servir perfeitamente. O importante é saber escolher as orientadoras sociais que vão trabalhar no local”.

O material didático, de consumo diário e a alimentação, à base de carnes, ovos, peixes, verduras e frutas, são fornecidos pela Prefeitura. Para garan-

tir o baixo custo da alimentação, existe uma horta comunitária no centro do bairro Bucarein, que abastece todos os Ceris.

Pensando em evitar o paternalismo e incentivar a participação da população, a Secretaria do Bem-Estar Social estabeleceu cotas de participação das famílias que mantêm filhos nas creches. Márcia Petry diz que a quantia é bastante acessível à renda familiar. “Mesmo assim, a matrícula é inteiramente gratuita, havendo famílias mais carentes que nada pagam.”

A reavaliação do trabalho nas creches é sistemática. Uma vez por mês as educadoras reúnem-se com os pais das crianças para avaliar o aproveitamento e estudar sugestões. Sempre que surge qualquer problema com a criança, os pais são imediatamente comunicados e orientados quanto ao tratamento que deverão dispensar aos filhos.

Para uma das educadoras do Ceri, do bairro de Iririú, Iranil Boos, é muito importante manter esse contato com os pais e que o ideal seria mais reuniões. Esta é também a opinião de Luís Carlos Gonzaga, pai de um menino que está no Ceri há cinco meses e que se diz “muito contente com as coisas que meu filho tem aprendido”. Mas, o problema está na reunião dos pais, que trabalham em turnos diferentes, segundo afirma a educadora.

Mesmo assim, a maioria dos pais está satisfeita com os contatos periódicos com as orientadoras e, principalmente, por deixarem as crianças em local de confiança e bem tratadas. Dona Paula Araújo tem duas crianças no Ceri, de 10 anos, e de 1 ano: “O Ceri veio resolver meu problema porque não tinha condições de pagar uma pessoa para cuidar das crianças. Estou contente porque meus filhos são bem tratados e posso trabalhar tranquila.”

Os Ceris também preocupam-se com a continuidade do tratamento quando a criança volta para casa, de forma a não haver choques que poderiam ser muito sérios para a educação das crianças. O assunto é tema constante das reuniões e os educadores procuram orientar os pais nesse sentido.

A experiência positiva dos Ceris vem atraindo a atenção das administrações municipais de todo o País. Vários prefeitos de cidades de características industriais têm solicitado ao prefeito cópia dos modelos de funcionamento das nove creches municipais instaladas em Joinville.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *FOLHA SÃO PAULO*
Data: *8/11/81*
Pág. *-*

Pasta n.º

N.º do recorte

Na favela dos pequenos enjaulados



Foto Evanir Rodrigues

Na favela Miranguaba, Vila Penteado, um quadro dramático de carência e tensões.

Por falta de uma adequada rede de creches, milhares de crianças são trancadas em suas casas durante todo o dia por pais que saem para trabalhar e não têm com quem deixar os filhos. Essas crianças vivem em tensão, agredem-se mutuamente e chegam a extremos de violência: na semana passada, um menino de quatro anos matou a pauladas a irmã de dois anos, num barraco da favela

Miranguaba, em Vila Penteado. O repórter Ricardo Kotscho visitou essa favela e viu um quadro dramático: cerca de 1.500 crianças passam o dia trancadas e os próprios favelados admitem que a tragédia pode se repetir a qualquer momento. Nas proximidades, existem duas creches da Prefeitura prontas, mas não inauguradas.

PAG. 15

(Doc. INCOMPLETO)

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal *Revista da Saúde*Data *11/11/81*

Pág.

Pasta n.º

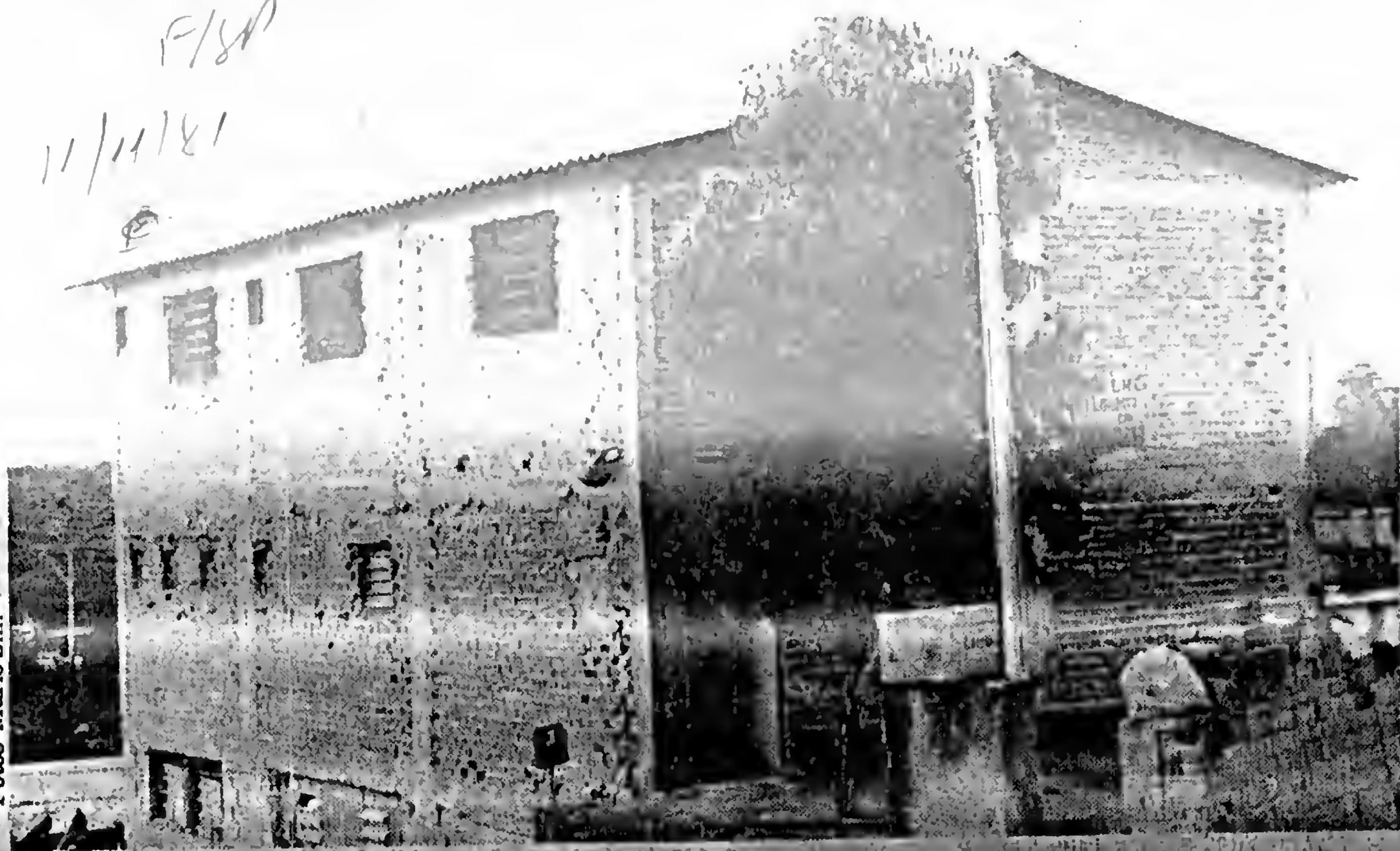
N.º do recorte

Creche-casulo em conjuntos do BNH

Os conjuntos habitacionais populares do Banco Nacional de Habitação (BNH) disporão de creches-casulo para crianças de até seis anos, que terão alimentação, assistência médica e dentária e recreação, de acordo com convênio a ser firmado segunda-feira, no Rio, entre o BNH e a Legião Brasileira de Assistência (LBA).

A presidente da LBA, Léa Leal, informou que a entidade mantém a maior rede de creches do País, atendendo a cerca de 300 mil crianças, e pretende elevar esse número a um milhão, em 1982. As creches-casulo, pelos termos do convênio a ser assinado, serão construídas pelo BNH e operadas pela LBA.

Fotos Mário Zilli



O prédio ainda não foi acabado, mas há planos a curto prazo.

Criatividade supera a falta de recursos

Jardim Mitsutani cria a "Turma da Touca"

DENISE NATALE

O prédio é simples e os escassos recursos da população do Jardim Mitsutani, zona Sul, não permitiram que as obras, iniciadas há mais de um ano, fossem concluídas. Há barro e material de construção espalhados por toda parte. Mas a criatividade dos moradores prevaleceu sobre os inúmeros problemas. Nesse local, funciona uma creche para 40 crianças. As meninas aprendem a costurar e os garotos, o ofício de marceneiros. E com a renda de seus trabalhos, engrossam o orçamento familiar. O centro da "Turma da Touca" é ponto de encontro, trabalho, lazer e reflexão.

Há três anos, os moradores do Jardim Mitsutani mal se conheciam. Enfrentavam problemas de saúde, educação, asfalto, luz, agravados pelo alto custo de vida. E não foi difícil reuni-los para tomar as primeiras iniciativas que modificariam suas vidas. Quando o casal morador do bairro próximo de Jardim Ana Maria mudou-se para lá e tentou criar a "Turma da Touca", uma associação cultural e recreativa do bairro, encontrou boa receptividade por parte dos habitantes.

Amauri Falsete e sua mulher contaram com a ajuda da Fundação Carlos Chagas e da população para organizar uma pesquisa que levantaria os principais problemas do bairro e também do Jardim Macedônia e Eledil. "A colaboração foi total e com os resultados na mão, que apontavam a necessidade de creche como prioridade, demos início ao trabalho. Como se vê, nada calu do céu. Cada atividade nossa foi muito bem estudada", diz ele, que também é um dos marceneiros da Touca.

O próximo passo dos moradores foi pedir verba para a compra do terreno para as atividades, às Igrejas Evangélicas da Holanda. E em novembro de 1979 começava a construção do prédio. Como não havia dinheiro para isso, os moradores organizaram-se e descobriram suas alternativas. Uma das moradoras, Eteivina Vieira Pires, lembra que as mães saíram de porta em porta pedindo roupas usadas e outros utensílios à população. Depois, fizeram os reparos necessários e juntaram com os outros objetos que formaram o bazar. Com o dinheiro arrecadado, mais o mutirão para a construção, conseguiram levantar o prédio.



Aprendendo, com as brincadeiras.

"Não conseguimos chegar ao acabamento, que está entre nossos planos para breve", diz Amauri. Mas, pelo menos, mães de 40 crianças puderam sair de casa para trabalhar, deixando os filhos na creche que funciona das 6h30 às 18h30, para crianças de 2 a 7 anos, mediante mensalidade que este mês subiu para Cr\$ 500.

Em meados deste ano a Touca conseguiu convênio de creche indireta da Prefeitura. Mas, antes, as mães, cientes de que apenas 40 vagas não iriam resolver "nossa situação difícil", resolveram reivindicar creche municipal através do Movimento de Luta por Creches. Desde março deste ano, o prédio da creche municipal que tem capacidade para abrigar 90 crianças, funciona no mesmo quarteirão da "Turma da Touca".

Objetivo é união e trabalho comum

A Touca não é uma associação que vise a lucros, mas tem por objetivo a reunião da população em torno de fins comuns, além de lhe proporcionar desde a possibilidade de aumentar ganhos e diminuir gastos, até opção de profissionalização. Dentro desta visão, surgiram as Oficinas de Costura e a Marcenaria, que atendem principalmente à população mais jovem, para o alívio dos "pais que viviam aflitos com os filhos desocupados ou sem possibilidade de estudar", lembra Amauri.

E a Oficina de Costura, apesar dos poucos três meses de existência, está entusiasmando a população. Um pequeno mulirão ajudou a comprar uma das máquinas de costura e as outras duas são das costureiras que orientam meninas de 12 a 15 anos nas diversas encomendas. Almira Cruz Carvalho é uma das costureiras que acredita nesta opção.

"Estamos lotadas de encomendas. Fazemos 50 fantoches, colchões e travesseiros de boneca por semana, para uma galeria. O que arrecadamos é distribuído entre quem

trabalhou, e para a formação de um fundo de compra de material. As mães têm nos procurado para integrarem a oficina e em breve queremos ampliá-la. Esta é uma forma de lhes dar emprego e profissionalizar também as mães jovens."

Amauri Falsete é da mesma opinião. E na marcenaria que funciona no mesmo prédio e emprega 16 jovens de mais de 14 anos, "quem não estuda não pode participar. Esta é a nossa condição e faz parte da ideia dada pelos próprios pais, preocupados com os moleques andando à toa pelas ruas. "Hoje, eles fazem brinquedos comercializados junto à loja mantida pela Favela Monte Azul, nos Jardins, e aceitam encomendas para seus jogos da velha cidade, cadeiras, jogos de fantoches, berços de boneca, pelo telefone 522-6235 (Bellu).

A procura tem sido grande, mas Amauri quer que também as crianças do bairro possam brincar com os objetos feitos por eles.

Tanta que pensam em promover uma feira de Natal, no dia 15 de dezembro, com os brinquedos a preços populares.

LAZER PARA TODOS

Mas não é só de trabalho que a população do Jardim Mitsutani quer viver. E há forrões animados na sede do Touca, filmes culturais nas tardes de domingo e visitas programadas a museus, que atingem mais de 100 famílias do bairro. O teatro popular, com textos de autoria do grupo, atinge principalmente os jovens. A entrada, quase sempre franca, e a temática que abrange o trabalhador, o habitante da periferia, chamam bom número de apreciadores.

No próximo dia 22 também as crianças do bairro vão ser atingidas, com a estreia da peça "A Menina e o Vento", de Maria Clara Machado e que faz parte do curso que os jovens estão participando, dirigido por Flavio Porto.

MATAR FOME

Outra atividade que vem contando com o interesse da população é a das compras comunitárias, difíceis de serem organizadas quando há falta de dinheiro. Mesmo assim, a Touca vai encontrando as saídas, como afirma seu presidente José Roberto de Araújo, para quem cada atividade deve estar devidamente estruturada e organizada até se chegar a algum resultado. "E já deu para perceber que está dando para matar a fome do pessoal."

Há dois grupos. O de compra mensal existe desde o início de 1980, atinge 25 famílias que compram produtos de primeira necessidade gastando cerca de Cr\$ 4.000. Através de reuniões periódicas, as famílias pesquisam os produtos mais baratos e de melhor qualidade, que os abastecerá e que representam economia de 20 a 30%.

Da compra semanal participam 60 pessoas que aos sábados recebem produtos vindos do Instituto Paulista de Promoção Humana (IPPH). As verduras e legumes não contêm inseticidas e são da melhor qualidade, o que anima os compradores, além de representar economia de 50%, em média, no seu orçamento. Segundo cálculos do presidente da associação, uma família que antes gastava Cr\$ 12 mil com alimentação, hoje despende apenas Cr\$ 7 mil e compra alimentos de melhor qualidade.

Mas, o sistema de compras comunitárias enfrenta problemas que a Touca pretende sanar, no futuro. Por isso, Amauri conta que estão entrando em contato com outros grupos da região para abrirem um centro de abastecimento e explica as razões:

"O pessoal tem pouco dinheiro e nem sempre pode levar a cota pedida. Assim, ele comprará seu pé de alface, e terá o arroz e feijão quando necessitar, com o mesmo preço baixo de agora. Apenas necessitamos ampliar o grupo, para diminuir os gastos."



A creche atende, hoje, cerca de quarenta crianças.

No País, milhões aguardam creches

metro news - 12/11/81 1

Segundo alguns, de 15 a 20 milhões de crianças em todo País ficam em casa sozinhas enquanto seus pais estão no trabalho. Um grande risco, pois muitas vezes ocorrem acidentes fatais. Essas crianças, sem qualquer assistência, aguardam creches, que tudo indica continuará sendo um sonho para a maior parte delas, por muito tempo. Página 9.



Em todo o País, 20 milhões *matto news 12/11/81 9* de crianças aguardam creches

Neste momento devem existir no País 20 milhões de crianças sozinhas em suas casas, enquanto os pais trabalham sob o risco de acidentes (muitas vezes mortais) e sem qualquer forma de assistência adequada. É a falta de creches, um problema que, tudo indica, deverá persistir por muito tempo, mesmo porque, apesar do esforço "brutal", conforme um de seus funcionários, a Legião Brasileira de Assistência, que opera a maior rede de creche no País, deveria atender apenas um milhão de crianças, até o próximo ano.

Nem mesmo o delegado que atende ao caso (bastante acostumado a conviver com crimes bárbaros) não consegue esconder seu espanto diante do quadro. No pequeno barraco uma criança hora desesperada mente e olha espantado para o policial que está na porta. Mas não pode sair de onde se encontra, pois uma de suas pernas está presa a mesa através de uma corrente. Mais tarde, na delegacia, os pais da menor explicam porque fizeram aquilo: — A gente tem que ir trabalhar, doutor e ele fica sozinho. Teve uma vez que

quase tocou fogo no barraco. Então, agora a gente prende na mesa.

Ficção? Não, infelizmente não. A tal criança, há mais de um ano, ficava quase todos os dias, enquanto seus pais estavam no trabalho, acorrentada a mesa, num barraco das muitas favelas da Grande São Paulo. E pior do que isso, não se trata de um caso isolado, pois existem relatos e registros policiais que comprovam casos de crianças acorrentadas e até presas em pequenas jaulas, em todo o País, com uma frequência assustadora. Afinal, são,

segundo alguns cálculos, 20 milhões de crianças que ficam sozinhas em suas casas no horário de trabalho dos pais e para evitar acidentes, algumas delas acabam ficando presas como animais.

Nada justifica a atitude desses pais. Nada? Não é bem assim. Afinal precisam trabalhar, são pessoas de pouca ou nenhuma instrução e não tem com quem deixar os filhos. Recentemente em uma favela de São Paulo, um casal deixou o filho de sete anos cuidando de outros irmãos mais novos e este, em uma brincadeira, acabou matando um deles. É uma prática comum deixar o filho "mais velho" cuidando dos mais novos. E aí, o conceito de idade é muito elástico. O mais "velho" tanto pode ter 15 anos como sete.

LBA

E o governo, não faz nada? Falta Verba. E tal alegação



tem a maior força em momentos de crise econômica, como o que estaríamos atravessando.

Existe ainda uma lei que determina a obrigatoriedade de empresas com mais de 300 funcionários manter creches. Só que a lei nem sempre não é observada, muito menos fiscalizada. Essa é a realidade e a partir de tal realidade, a Legião Brasileira de Assistência decidiu implantar um programa denominado projeto casulo, que aliado ao Programa Nacional do Voluntariado pretende mobilizar a comunidade de um modo geral para que num esforço conjunto (povo-governo) consigam a criação de mais creches casulos.

Emílio Julianelli, superintendente estadual da LBS afirma que entende as reivindicações por parte da população em relação as creches, já que seria um direito. Entretanto, alega que prefere nortear-se pela realidade e essa seria a de que o governo não se encontra em condições de, sozinho, construir creches em número suficiente para atender a toda população. Por isso acredita na viabilidade do projeto casulo. Este, em São Paulo, no ano passado celebrou 263 convênios, oferecendo cerca de nove mil vagas. Este ano o número já chegou a 16 mil vagas. Mesmo assim está muito distante das necessidades, pois o Esta-

do abrigaria cerca de cinco milhões de crianças que ficam sem acompanhantes enquanto os pais trabalha.

Escolas de Samba

O projeto pretende a utilização da capacidade ociosa de entidades sociais já existente na comunidade, tais como escolas, igrejas, associações de bairros ou estimular a comunidade a construir ou adaptar locais para a implantação das creches. Até mesmo já se pensa em utilizar quadras de escola de samba para isso, de acordo com Julianelli. Ele explica que qualquer pessoa interessada em colaborar com o projeto (há necessidade de se constituir em pessoa jurídica) deve procurar um local para as crianças ficarem e então a LBA apresenta a orientação necessária e verba para manutenção do lugar.

Julianelli afirma saber que isso não é o ideal, pois muitas vezes as pessoas que irão trabalhar (voluntariamente), nesses locais pode não estar devidamente preparada para o serviço. De qualquer forma, segundo ele, é melhor do que deixar a criança sozinha.

Poderia-se, lembra Julianelli, construir creches devidamente equipadas, mas o recurso para isso pode ser utilizado em creches casulo - com equipamentos simples, adequados a cada realidade regional - e atender a um número de crianças bem maior.

De acordo com convênio a ser firmado segunda-feira, no Rio de Janeiro, entre o Banco Nacional de Habitação e LBA, os conjuntos habitacionais populares do BNH disporão de creches-casulos, que terão alimentação, assistência médica e dentária e recreação. A presidente da LBA, Léa Leal, informou que a entidade mantém a maior rede de creches do País, atendendo cerca de 300 mil crianças, e pretende elevar esse número para um milhão, no próximo ano. De qualquer forma um número muito pouco expressivo, apesar de Julianelli salientar que será um esforço "brutal" para se chegar a ele, diante das necessidades do País. Ou seja, mesmo com um trabalho de conscientização em busca de ajuda da população, tudo indica que por muito tempo a falta de creches para as crianças brasileiras continuará a ser um grande e perigoso problema.

VOREB na ajuda ao Menor

Há dois anos atrás, era criada a VOREB — Voluntárias da Região Episcopal Belém. Uma entidade que desde então, vem atuando junto às favelas, creches e orfanatos, visando dar um maior apoio aos menores carentes da Região.

Sensibilizadas com os apelos de D. Luciano Mendes, Bispo da Leste I, para uma assistência maior ao menor carente, 10 voluntárias resolveram promover um chá beneficente em prol do orfanato "Jardim Robiano", localizado no bairro do Tatuapé.

Na época, em 1979, o primeiro chá, realizado nas dependências do orfanato, arrecadou 1.000 cruzeiros, que ajudou na compra de mantimentos para as crianças.

Como a experiência deu certo, a VOREB passou a promover mais chás, onde era cobrado dos participantes, que já eram muitas, desde mantimentos até papel higiênico, isto dependendo da necessidade do orfanato naquele mês.

Hoje, a entidade já conta com uma média de 200 voluntárias, distribuídas entre o Parque São Jorge, Vila Prudente, Vila Esperança, Mococa, Tatuapé, Belém, Parque São Lucas e Bom Parto.

Com a expansão do movimento, foi resolvido também dar assistência a outros lugares, como creches, favelas e orfanatos, além do Jardim Robiano. Hoje, a VOREB dá assistência ao orfanato Mater Dei, no Carão, que possui 74 meninas excepcionais; ao São Cesário, com 110 crianças de 6 meses a 5 anos; a favela do Jardim Sinhá, em Sapopemba; Jardim Itápolis, e sempre que podem colaboram em outras instituições, juntamente com a Cúria Metropolitana, Pastoral Universitária e Casa do Menor.

Mas a mobilização dessas mulheres não se limita apenas aos chás beneficentes. Elas recorrem a todos os meios possíveis para conseguir o que pretendem, como pedir mantimentos em mercados, roupas nas ruas em que residem, e vários outros objetos junto à indústria e comércio.

Uma das coisas que mais chama

a atenção no grupo são os trabalhos manuais, feitos por elas mesmas. Bordados, crochês, objetos de decoração, são vendidos em quantidade, quando da realização de bazares e nos chás. Na confecção desses trabalhos, foram mobilizadas até pessoas, com problemas de saúde, invalidez ou idade avançada, que também dão a sua contribuição no movimento.

VÁRIAS EXPERIÊNCIAS

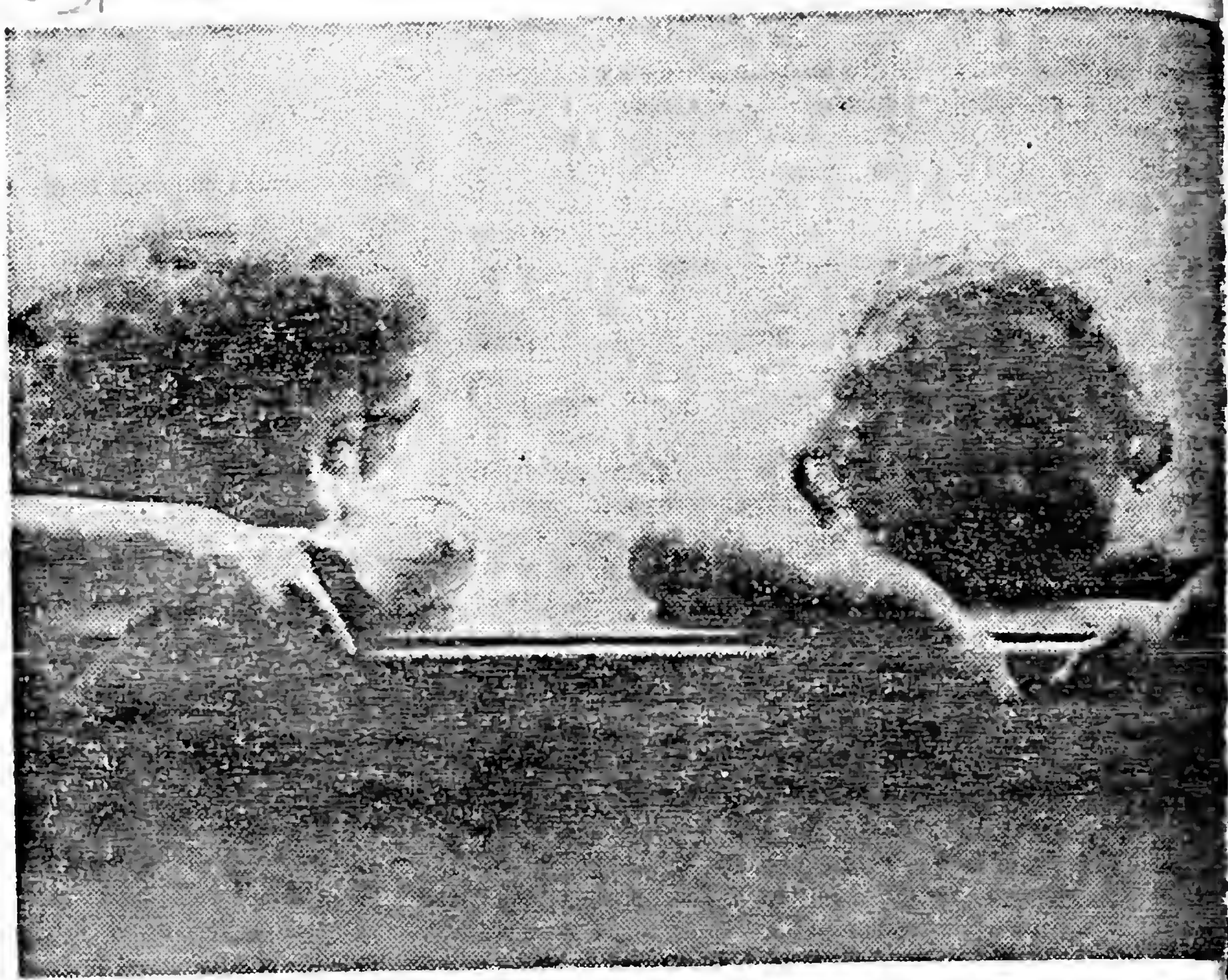
Neste período de 2 anos, muitas experiências positivas ocorreram, com a adesão espontânea de várias pessoas, que de uma maneira ou de outra resolveram ajudar e se preocupar mais com o grave problema do menor carente.

Logo no início da VOREB, uma família sensibilizada com todo o trabalho realizado, assumiu o compromisso de doar leite, em dias alternados, para as crianças do Jardim Robiano, o que está sendo cumprido até hoje.

A irmã Rose, do Orfanato Jardim Robiano, comenta sobre o significado da VOREB para a instituição:

— O nosso orfanato possui 47 crianças, de 1 mês a 17 anos de idade. Apesar de ser mantida pela Congregação São Vicente de Paulo e ter convênio com a FEBEM, não dá para atender a todas as necessidades, como escola, mantimentos, roupas, e saúde. Mas, desde que surgiu a VOREB, a nossa situação melhorou sensivelmente, pois recebemos uma ajuda humana muito grande, principalmente. É um exemplo que deveria ser seguido por várias pessoas, porque a causa do menor é muito importante.

Uma outra experiência muito interessante foi quando uma jovem da Dinamarca, que veio ao Brasil através de intercâmbio cultural participou de algumas reuniões da VOREB, com uma das Voluntárias de Vila Prudente. Ficou tão sensibilizada, que ao retornar ao seu país, conseguiu formar um grupo de voluntárias, que até hoje dão ajuda a uma favela em Minas Gerais.



“Somos um elo, uma ponte para transmitir as nossas experiências. Queremos despertar as pessoas para o problema do menor”. Esta foi a afirmação de uma das pioneiras da VOREB, Telge Miranda, que conclui, “Não somos paternalistas com o favelado. por exemplo, nós mostramos a ele que a sua participação é muito importante para melhorar a sua situação”.

Mas a Festa de Belém, realizada no Ceret, este mês, também teve a participação da VOREB que contou com duas barracas. Darcy Finzetto, também pioneira na entidade e que cuida da parte financeira, conta os resultados:

— Com apenas duas barracas, e nós, conseguimos levantar 400 mil cruzeiros, que serão totalmente utilizados em prol do menor carente da nossa região.

CENTROS COMUNITARIOS

A grande preocupação das pessoas engajadas no trabalho do menor carente é fazer com que essa criança tenha uma ocupação produtiva dentro do seu próprio ambiente, frente à sua realidade. Os Centros Comunitários, Educacionais, dentro

das favelas foi o melhor meio encontrado.

Conscientes da necessidade de construção desses centros, as Vereadoras de Belém, resolveram trabalhar para ajudar os favelados nesse aspecto, junto às CUBs, aos colégios religiosos e às paróquias.

A favela do Jardim Sinhô, por exemplo, teve total ajuda da VOREB para a construção do seu Centro Comunitário Educacional. Foi levantado o dinheiro para a compra de materiais com a Cúria Metropolitana para a construção.

— Foi uma experiência muito proveitosa ajudar na construção do Centro Comunitário para a favela Sinhô, pois vimos a alegria estampada no rosto daquelas crianças principalmente, que além de ter um local para uma melhor articulação com a família foram eles que construíram o centro, zendo mutirões, declarou a Vereadora Nair Monjon Ferreira.

Ajudaram na compra de materiais para o Jardim Itápolis, em Nova Iorque, para a Vila Rica, e também se mobilizando para a construção de um Centro Comunitário na favela de Vila Madalena.

UMA CRECHE DEMOCRÁTICA

Desde 1977, um grupo de jornalistas gaúchos se organizou no sentido de exigir o cumprimento da legislação a respeito de creches de empresas, para a categoria. Depois de muito pesquisar, constataram que a imensa maioria dos profissionais não têm vínculo profissional fixo com as empresas se tratando de "free-lancers", e, portanto, não podem reivindicar a aplicação da lei.

Mas, como suprir a necessidade imediata? Durante meio ano, este grupo passou a discutir a possibilidade de implantar uma creche que atendesse aos horários e necessidades dos jornalistas de Porto Alegre. Foi assim que surgiu, em 1978, a Associação Infantil Pé de Pilão, nome dado em homenagem àquela obra infantil de

Mário Quintana, escritor e jornalista que doou os direitos autorais deste livro para a creche.

"A Associação não tem fins lucrativos", relata Rosvita Saueserig Laux, jornalista e diretora da creche. Como as mensalidades cobradas são semelhantes à de uma entidade particular, a parcela que constituiria o lucro é reaplicada na própria creche. "Uma das primeiras medidas com este adicional foi a redução de 36 para 30 horas a jornada de trabalho dos funcionários", prossegue Rosvita. A próxima etapa para a aplicação dos lucros é o aumento salarial dos funcionários.

Também o horário da creche é diferente, de acordo com o próprio horário dos pais, geralmente muito variáveis. A creche atende

das 7h30 às 21h00, mas se houver um grupo de cinco crianças com necessidade de um outro horário, este será aberto.

"Tentamos dar um encaminhamento democrático para a creche", continua a diretora da Pé de Pilão. De que forma? As decisões são feitas através de assembléias, uma de associados (para o encaminhamento geral da creche) e outra dos pais (para as questões de funcionamento da creche). "A diretoria é executora das decisões das assembléias".

Os atendentes são incentivados a participar de cursos e a se aprimorar profissionalmente, e agora, depois de três anos de funcionamento, outra conclusão favorável é de que os técnicos (psicólogo, pediatra, nutricionista,

recreacionista) têm de ter tiva própria e assim, com desenvolver melhor seu tr

A creche mantém um funcionista homem, formado em Educação Física, o que tem a muito às crianças com problemas de adaptação, principalmente aquelas cujos pais são separados, uma realidade da categoria. 70 crianças que a Pé de Pilão recebe, algumas em regime de meio período outras, integralmente. O custo médio por criança, atualmente, é de Cr\$ 7 mil, mas a creche cobra Cr\$ 9 mil por criança para um turno integral, mais 5.600 para 6 horas. A lavagem das fraldas e sua esterilização estão incluídas no preço. A diretoria é remunerada.

A problemática creche de presídio

"Prisão não é bom lugar para ninguém", diz a advogada Maria da Graça Vieira Reis, diretora da Penitenciária Feminina de Porto Alegre. Mas, não é bom para os adultos, será para crianças? É que a penitenciária possui, numa ala separada, uma creche para filhos de detentas. "Não se trata de uma solução", continua a advogada, "mas de uma tentativa de suprir uma necessidade das detentas que entravam grávidas. Ao mesmo tempo, nosso trabalho este ano, demonstrou que o contato com a criança influi beneficentemente na recuperação das mães."

A creche existe desde 1971, nascida da necessidade em ter uma sala de amamentação para as presas com recém-nascidos. Naquele ano, a madre Elizabete, da Congregação do Bom Pastor D'Angers, resolveu institucionalizar a creche, aumentando o atendimento. As irmãs permaneceram administrando a creche até janeiro deste ano, quando se retiraram para tentar um trabalho preventivo. Maria da Graça relata o que aconteceu depois disso: "Quando as irmãs saíram, todo o funcionamento da creche dependia dos técnicos da penitenciária — psiquiatra, assistente social e psicólogo. Então, resolvemos tornar a equipe da creche específica apenas para ela e ao invés

das visitas esporádicas, optamos pelas mães dormirem na creche e participarem de seus serviços."

Hoje, apenas o serviço de psiquiatria é dependente da penitenciária. O restante da equipe é própria da creche: 7 auxiliares, 3 atendentes, uma coordenadora, 2 pediatras, um clínico, uma assistente social, uma psicóloga, uma nutricionista e uma recreacionista. Esta última trabalha 12 horas por dia, diante da situação de extrema carência de estímulos que as crianças manifestam. São atendidas 15 crianças, de 0 a 6 anos, das quais 6 com pai e mãe presos, 4 somente a mãe, 4 somente o pai, e um é filho de mãe egressa. "Esta última", explica a advogada, "tem prazo de 3 a 4 meses para conseguir emprego, e só depois disso, poderá vir buscar a criança."

Os objetivos da creche: manter o vínculo familiar, auxiliar a recuperação da mãe com sua permanência junto à criança, e o desenvolvimento da criança em si. As crianças têm muitos problemas, segundo Maria da Graça, diante da situação não só social como psicológica dos pais: muitos são filhos de alcoólatras e toxicômanos, o que em si, já lhes acarretam muitos problemas no seu desenvolvimento. "Uma

das crianças nós a achamos num hotel de prostituição, com tuberculose, você já imaginou", relata a advogada.

Uma outra situação é de três crianças da creche, cuja mãe é operária, mas o pai se encontra preso. A mulher não tinha com quem deixar os filhos, e a creche as acolheu: "A influência destas crianças nas demais é muito positiva, pois são mais carinhosas e a mãe, muito consciente de seu papel."

Em contrapartida, há casos em que a própria mãe não tem condições psicológicas de ver o filho. Uma delas, não pode permanecer junto com a criança sem espancá-la. Todas as outras mães dormem na creche, ajudam nos trabalhos e alimentam as crianças. Os filhos de pais presos são levados para uma visita de 15 em 15 dias, e também estas visitas têm resultado positivo, pois os pais têm demonstrado grande interesse.

"Para evitar a questão de segregação, estamos tentando um programa novo com as crianças de pré", prossegue Maria da Graça. As que têm mais de três anos são levadas a passear constantemente, fora da penitenciária, e quando há necessidade de compras ou visitas, também vão junto com as atendentes. As crianças com mais de cinco anos

freqüentam escolas do bairro, sua aceitação está sendo boa.

"Nós tivemos de enfrentar série de problemas inclusive pois o Juizado de Menores e que não seria psicologicamente para a criança morar no pai. Nós também achávamos isto não havia solução melhor. Há também a questão de que o pai, mãe quando é preso, perde o poder sobre a criança, durante o tempo em que está cumprindo. A creche teve de resolver todos estes meandros, para poder manter as crianças ali. Quando as crianças os pais assinam um termo dando para a creche a responsabilidade sobre ela", conclui a diretora da penitenciária.

Ela diz que a participação das mães no trabalho da creche, uma orientação de um programa geral da penitenciária. Antes, reclamavam do trabalho que era obrigatório apenas para as mães, pois os filhos estavam na creche. Isto que as outras não tinham visto de comunidade e nem se ocupavam com qualquer atividade. Nós fizemos os planos. Hoje, todas são responsáveis por alguma tarefa, na creche ou no próprio presídio. Esperamos que os resultados da recuperação melhorem."

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal *FOLHA PAULISTA*
Data *15/11/81*
Pág. *34*

Pasta n.º

N.º do recorte.....

32 Encontro analisa creches

BOTUCATU (do correspondente) — A Legião Brasileira de Assistência (LBA), através do Centro Social de Botucatu, realizou recentemente, nas instalações da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) da cidade, o 3.º Encontro Regional de Creches.

O encontro, segundo os organizadores, objetivou fornecer subsídios teóricos e práticos aos que trabalham com creches e foram abordados temas relacionados com saúde, nutrição e orientação psicopedagógica das crianças e a integração creche-família-comunidade.

PARTICIPANTES

Cerca de 200 participantes — principalmente funcionários de creches e voluntários que cuidam das crianças — estiveram presentes aos trabalhos. Eles prestam serviço, na maioria dos casos, em 23 creches de 18 municípios assistidos pela Legião Brasileira de Assistência e pelo Centro Social de Botucatu, da região.

Além da LBA, deu orientação técnica ao encontro a Equipe Multiprofissional de Assessoria à Comunidade e à Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, (Unesp) — campus de Botucatu.

ph 15/11/81 p. 34

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *Cesf. SP*Data: *17/11/81*

Pág.

Folha n.º

N.º do recorte

Convênio para abrir creches

Da sucursal do
RIO

*17/11/81**Cesf SP*

A LBA e o Banco Nacional de Habitação assinaram ontem, no Rio, um convênio para a instalação, a partir do próximo ano, de creches em mil conjuntos habitacionais de todo o País. Ao assinar o convênio, a presidente da LBA, Léa Leal, disse que ele representa "um sinal de novos tempos e a certeza de que os projetos sociais do governo Figueiredo começam a se solidificar em medidas concretas". O presidente do BNH, José Lopes de Oliveira, elogiou a iniciativa, que atenderá, em uma primeira etapa, 40 mil crianças entre três meses e seis anos de idade.

A LBA já tem a maior rede de creches do País, atendendo a 300 mil crianças, mas Léa Leal quer, agora, a reforma da CLT, mais precisamente do artigo que obriga as empresas com mais de 30 empregados a manter creches em funcionamento durante o período de amamentação. A presidente da LBA quer que este prazo se estenda até os seis anos e disse que lutará para que as empresas, que já deduzem 10% de seu lucro tributário para alimentação e ensino profissionalizante, possam deduzir mais 5% para a instalação de creches.

Esta é a primeira vez que um órgão do governo se integra à LBA para a execução de programas sociais, fato que mereceu de Léa Leal um comentário encorajador. Para ela, a assinatura deste convênio foi um "grande momento" na História do País: "Há hoje, no Brasil, 15 milhões de crianças carentes e sete milhões e 500 mil mães de família que não têm onde deixar seus filhos."

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal *FOLHA DE SPARK*

Data *17.1.81*

Pág. *—*

Pasta n.º

N.º do recorte

**LBA e BNH vão
fazer creches
em conjuntos**

FISP 17/1/81
RIO — Os presidentes da Legião Brasileira de Assistência (LBA), Léa Leal, e do Banco Nacional de Habitação (BNH), José Lopes de Oliveira, assinaram ontem um protocolo que prevê a construção de creches-casulo nos conjuntos habitacionais populares financiados pelo Sistema Financeiro de Habitação.

Segundo Léa Leal, a medida abre um novo horizonte para cerca de 15 milhões de crianças carentes e sete milhões de mães, "e é o primeiro passo que LBA e BNH dão, juntos, rumo a um futuro mais digno para todos os brasileiros".

Diversificar, a meta da Nestlé

por Márcio Raposo
de São Paulo

A Nestlé vai faturar Cr\$ 90 bilhões este ano no Brasil. Este volume representa um aumento real de 2,5 a 3%, em relação ao faturamento do ano passado, segundo Alexandre Mahler, diretor-presidente da empresa.

Este crescimento significou uma vitória para a área financeira da Nestlé, que este ano não se viu às voltas

com a repressão das margens nos preços da maior parte dos produtos da companhia, pois o Conselho Interministerial de Preços (CIP) liberou grande parte da indústria alimentícia de seu controle. Mas certamente para a equipe responsável pela estratégia e planos de longo prazo da Nestlé os resultados não foram tão positivos.

Os planos da Nestlé para a década de 80 perseguem

uma meta: a diversificação. "Queremos depender cada vez menos de leite em pó e ampliar a participação dos outros produtos", confirma Mahler. Na verdade, o leite em pó representava para a Nestlé até 1979 cerca de 70% do seu faturamento. No ano passado, entretanto, essa parcela caiu para 50%, o que, segundo o diretor-presidente, era uma posição ideal para o início da diversificação.

Este ano o mercado mudou e a Nestlé teve de adequar-se rapidamente a ele. A demanda de produtos como iogurtes, chocolates, farinhas e papinhas infantis caiu sensivelmente. Segundo Mahler, a queda geral para esses produtos ficou ao redor de 25% em relação ao ano passado. Em decorrência, a participação do leite em pó no faturamento voltou a crescer: até o final deste ano deverá chegar a 65% do total das vendas da companhia.

TENDENCIA

"As vendas de leite em pó aumentaram este ano. Felizmente, conseguimos cobrir a queda das vendas dos outros produtos", explica Mahler. O crescimento de venda para o leite em pó, na Nestlé, foi de 15%, o que somado às menores vendas de outros produtos, cujos preços voltaram a absorver todos os repasses de custos, garantiu um faturamento global maior para a companhia.

Mas o próprio diretor-presidente da Nestlé explica que a tendência do leite em pó no mercado interno é ser substituído cada vez mais pelo leite líquido — longa vida ou "in natura". "Podemos ver que metrópoles como Salvador e Fortaleza se estão cercado de bacias leiteiras e a tendência é a população consumir mais leite líquido, a não ser em casos de leite para bebês ou de substituição do leite "in natura" por problemas de abastecimento, lembra Mahler.

E é esta tendência de longo prazo que fez com que a Nestlé cuidasse de garantir sua presença em outros segmentos de mercado como o de iogurtes, requeijão e outros derivados de leite. Mas, principalmente, a empresa optou por estar em segmentos que a longo prazo significuem um bom mercado: caso de alimentos supergelados, por exemplo.

EXPORTAÇÃO

Parte do faturamento da Nestlé, este ano, deveu-se também ao crescimento das exportações. A companhia estima um total de US\$ 22



Alexandre Mahler

milhões para as vendas externas em 1981, o dobro do que exportou no ano passado. "Exportação não é uma meta da empresa; vivemos mais, e em primeiro lugar, para o mercado interno", afirma Mahler. Mas, este ano, as coisas lá fora nos foram favoráveis."

O próximo ano, para a Mahler, será melhor do que este. "Para quem está sólido financeiramente não há muito a temer." A Nestlé acredita que já aprendeu a interpretar o que diz o governo brasileiro e se prepara com antecedência para as novas medidas. "Os empresários deveriam cuidar mais de entender bem o governo e, assim, evitar perdas desmasiadas."

Prefeito manobra as

creches à

A demissão de uma diretora de creche-padrão escolhida pela comunidade; a demora no início de funcionamento de algumas creches já construídas; problemas de reforma e a proibição de visitas das comissões de mães às creches. Estas denúncias foram feitas à imprensa, na terça-feira, pelo Movimento de luta por Creches.

As mães querem a reintegração de Tânia Corraldo Hamoud, diretora da creche de Figueira Grande, considerada como modelo pela Cobes. Sua exoneração foi publicada no Diário Oficial do Município no dia 28-10. Há um mês, as mães tinham ouvido falar que a demissão ocorreria, e foram à Cobes para se certificar. Lá, foram tranquilizadas por um assessor, mas, logo depois, a exoneração ocorreu.

"No dia 2 de novembro, reunimos 60 pessoas do bairro todo, para protestar contra esta atitude do prefeito", diz Amália Pereira Alves, uma das mães que participa do Movimento. Na terça-feira, dia 3-11, elas fizeram um plantão na creche, no sentido de impedir a posse de uma outra diretora. Neste mesmo dia, uma comissão foi ao prefeito, exigir a reintegração de Tânia Hamoud. Ela também foi ouvida, no dia seguinte, por Reynaldo de Barros, que lhe prometeu "fazer justiça". Tânia: "Os questionamentos que foram feitos a mim pela SURSS de Campo Limpo, Cobes e prefeito, dizem respeito a algo que está no próprio manual da Cobes sobre creches, que é o trabalho conjunto com a comunidade. Eles disseram que eu trabalhava muito com a população. Então, é muito bonito falar sobre isso em teoria, mas na prática, se a gente vai aplicar, é demitido? Entendo que se trata de uma forma de dificultar a ação de outros diretores que seguem a mesma linha de atuação". Vale a pena lembrar que Tânia foi uma das sete diretoras de creche direta, escolhidas no processo encaminhado conjuntamente pela Cobes e pelo Movimento de Creches.

As mães deram ao prefeito prazo até sexta-feira, dia 13-11, para uma resposta sobre o caso. Se isto não ocorrer, anunciaram que farão uma concentração em fren-

te ao gabinete do Ibirapuera.

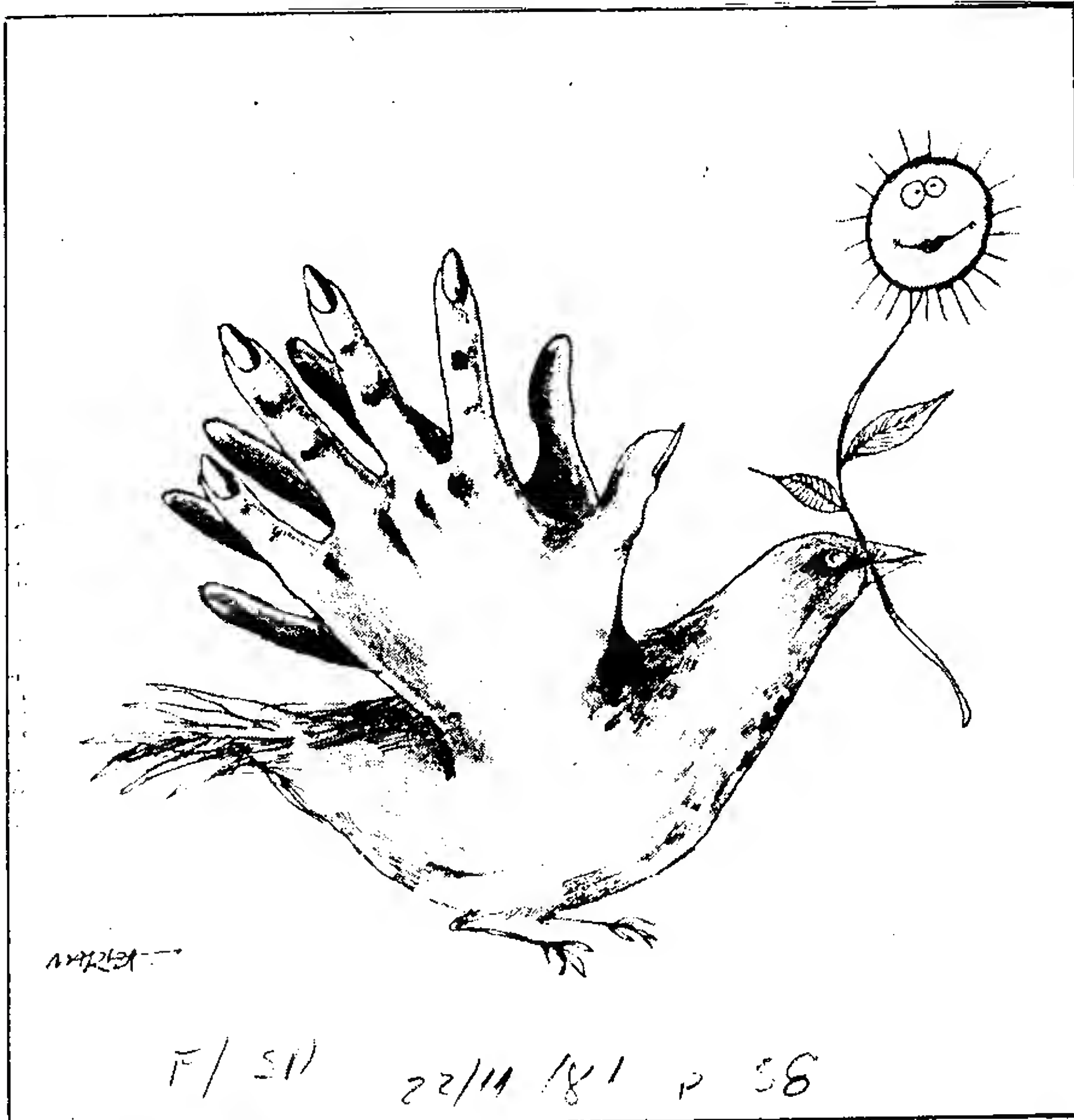
Além desta questão, as mães mencionaram o atraso no funcionamento das creches já construídas. Lurdes Perez, da Zona Norte, lamentou o incidente ocorrido há pouco tempo, em que uma criança de dois anos foi morta pelo irmãos de seis: "Em Vila Penteado, onde isto aconteceu, tem duas creches diretas prontas pra funcionar. Só que estão lá, fechadas. Se já estivessem abertas, a mãe não precisava expor seus filhos a este risco".

Outra reivindicação feita pelo Movimento se refere às reformas dos prédios das creches construídas, pois segundo as mães anunciaram, a verba foi cortada. Lurdes: "As creches antigas foram tão mal construídas que estão precisando de reforma. Nós pedimos isto no dia 22 de julho, numa concentração no gabinete. Até agora nada do que pedimos foi cumprido. Precisa separar a cozinha do lactário, porque senão tem contaminação. Queremos também azulejos para a cozinha, os banheiros e as áreas de serviço. Dia 6 de novembro, uma comissão voltou à Prefeitura para ver essas coisas, quando ia sair. Mas, nem foi recebida".

O que ocorre na região de São Mateus, foi a denúncia feita por Vicentina Pessoa. "Eu estive na segunda-feira na Creche do Jardim Colonial", começou ela, "e vi que está atendendo apenas 28 crianças". A creche tem capacidade para 70 crianças, mas a Cobes anunciou que abrirá as vagas quando o quadro de funcionários estiver completo. Vicentina: "Tem 150 crianças esperando na fila, e a creche só está atendendo as de 0 a 2 anos e meio. E o resto? As mães estão revoltadas com isto".

As mães de São Mateus escolheram quatro terrenos e os indicaram para que a Cobes construísse mais uma creche, mas, segundo Vicentina, nenhum deles foi aceito. Em alguns lugares, de acordo com as informações de Lurdes Perez, da região Norte, as comissões de mães estão sendo impedidas de entrar nas creches e verificar suas condições.

(Jô Azevedo)



Mulher negra, Doca e outros assuntos

IREDE CARDOSO

Tivemos a alegria de ver as mulheres negras em seu primeiro encontro regional, aqui no Estado, começando com um fato concreto, um movimento que está sendo formado aos pouquinhos, com a consciência crescendo progressivamente. Quem não sabe que os meios de comunicação são, na maioria das vezes, injustos com as mulheres negras, especialmente a publicidade? Mas as mulheres negras já têm consciência de que a única forma de levar suas reivindicações para modificar o panorama é a própria organização e a solidariedade com todos os segmentos progressistas, democráticos e populares da Nação.

Também há outras coisas importantes acontecendo: o esboço do Código Civil, com modificações importantes introduzidas, em trabalho elaborado por Sílvia Pimentel e Florizza Verucci, que conta com o apoio de todos os grupos de mulheres, de vários cantos deste País. Amanhã, às 20 horas, mulheres de todos os partidos de oposição estão convidadas a participar de encontro na Casa da Mulher, à rua almirante Marques Leão, 807, quando discutiremos a nossa ida a Brasília no dia 25, para entregar ao presidente do Senado, Jarbas Passarinho, às 11 horas, esse esboço. Também discutiremos o problema dos "sem terra" que neste País viraram bode expiatório de um sistema absurdamente injusto.

Nesse encontro de amanhã, estaremos mostrando às oposições que as mulheres conseguem, sem dificuldades, superar esses impasses político-partidários, colocando suas forças de maneira conjunta, quando o interesse é mesmo em favor de uma vida melhor e do aperfeiçoamento de nossa sociedade.

Por outro lado, tivemos uma vitória considerável, no julgamento de Doca Street, e uma surpresa terrível, quando soubemos que em Orizona, Norte do Paraná, a brilhante Câmara de Vereadores local, por unanimidade, segundo fomos informadas, aprovou requerimento, proibindo mulheres de andar pelas ruas depois das 22 horas. Esses senhores tão valentes em suas decisões esqueceram-se de proibir a saída dos homens. Ou será que não é necessário? Como se mostraram revolucionários e corajosos nessa medida de tão lúcida inteligência! Mudaram a face do Brasil.

Será que as mulheres de Orizona votam? Quantas serão? Terão organizações que as defendam? Teremos nós que defendê-las desses gloriosos machistas pressurosos? Eis a questão.

Quando falamos em feminismo, ainda tem gente, surda e cega, mentalmente, geralmente conservadores já superados, que fazem parte do passado que ainda teimam em tirar suas vozes da cova, imaginando que somos inimigas do ser humano do sexo masculino ou que somos incapazes de amar homens. Pode? Pois isso vem ocorrendo agora, com a maior frequência. Temos defendido aqui os direitos humanos dos homossexuais, assim como os direitos humanos de modo geral, dentro dos quais incluem-se os primeiros. Não nos passa pela cabeça ofender ou ironizar alguém levantando, com malícia "careta", as preferências pessoais sexuais. Mesmo porque sempre consideramos que as preferências sexuais devem ser compreendidas de um ponto de vista digno, respeitável que nos abra o coração para compreender melhor a realidade que nos cerca, de tal forma que sejamos impulsionados a melhorá-la. O País e o mundo precisam de felicidade, de alegria e de prazer.

Para termos esses sentimentos, nessa passagem pela vida, é preciso, sobretudo, desenvolver nosso senso de amizade e solidariedade. É claro que temos que levar tudo isto muito a sério, especialmente num momento de abertura política, quando as máscaras democráticas apenas posadas, caem por terra mais depressa, diante da ânsia de um poder qualquer. Diz a psicóloga e escritora Betty Milan, que o brasileiro ainda não desenvolveu uma tradição cultural de amizade. Na verdade, esse fato é terrível e pode ser constatado em nossa vida diária. Uma boa luta política tem que levar em conta este aspecto, porque mudar para continuar com a opressão, não interessa, definitivamente. Mulheres, unam-se pela amizade!

Mães de Vila Progresso *O São Paulo 20/03/81 p. 9* querem mais ônibus

Já faz mais de três anos que o Clube de Mães de Vila Progresso está lutando por mais ônibus nas três linhas que servem o bairro, mas até agora, suas reivindicações não foram atendidas. A intenção das mães é melhorar o atendimento de transporte às 40 mil pessoas que habitam em Vilas Progresso e Nova Curuçá, e Jardins Santa Terezinha, Ubirajara, São Sebastião e Novo Progresso, nas proximidades de Itaquera, na zona Leste.

As mães também querem uma linha específica para Vila Progresso, já que as linhas existentes passam por ele, mas não têm ali ponto final. "De manhã", explica Angelita Soares, moradora há 12 anos no local e participante do Clube de Mães, "já no segundo ponto, o ônibus vai lotado, a situação vai ficando cada vez pior". Há três anos, elas reivindicaram não somente uma linha exclusiva, como também a manutenção de uma delas no sábado durante o dia todo. Outra mãe, Fátima Tardivo, explica melhor: "A linha da CMTC que vai até a praça Clóvis, mantinha ônibus até o meio-dia apenas, e para atender o pessoal que voltava do serviço, como fazia?"

A primeira providência que as mães tomaram, foi fazer uma pesqui-

sa minuciosa, com fotos, horários de saída, chegada e condições de cada ônibus, que foi entregue em março de 1980, para a Secretaria dos Transportes. Anteriormente, em setembro de 1979, elas já tinham organizado uma grande assembleia na Igreja de São Sebastião, em que 500 pessoas reafirmaram a necessidade de melhorar o transporte coletivo dos bairros.

Esta pesquisa demandou tempo e muita paciência das mães. Angelita: "De dezembro a março, nós levantávamos de madrugada, para tirar fotos e acompanhar os horários. Mas nós documentamos tudo, tudo: as três, quatro filas nos pontos finais, as demoras, a falta de ônibus na linha".

Depois disso, a fiscalização da CMTC melhorou bastante, e até mesmo a Auto-Viação São José, implantou mais uma linha até a estação Tatuapé do Metrô. Vilma de Jesus, que também participa do Clube de Mães, relata outro problema: "Agora, tem alguns políticos do governo que estão querendo tomar pra si o que foi a conquista da gente. Andam distribuindo cartões, dizendo que foram eles que conseguiram as linhas. Mas, a gente vai fazer uns avisos pra dizer que não é nada disso, não".

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGASDepto. de Pesquisas Educacionais
BibliotecaJornal *FLH. Vício*
Data *28/11/81*
Pág. *14*

Pasta n.º

N.º do recorte

Creche de Franca procura recursos com comunidade

FRANCA — A creche Nossa Senhora da Aparecida, de Franca, está enfrentando problemas financeiros para atender suas crianças. Para superar a situação, pretende contar com o apoio da comunidade e programou três eventos para o mês de dezembro.

O primeiro será o baile "Noite Dourada", dia 5, no salão principal da Associação dos Empregados no Comércio (AEC). O segundo, o "bazar da creche", cujo início ainda não tem data marcada, e que exporá e venderá os trabalhos de cerca de 300 artesãs. E, por fim, fará a "festa da família", às vésperas do Natal, quando serão "diplomadas" as crianças que completaram 7 anos e estão deixando a instituição. Na "festa da família", também, serão entregues cestas a 67 famílias carentes, com alimentos básicos.

28/11/81 p. 14 FLH

Menor — Criança: o Profeta

A criança é o dom da vida que é rejeitado e por isso abandonado à própria sorte, ao desespero da sobrevivência quase sem esperança.

O que significa estar abandonado?

É estar sem referência, sem identidade, sem raiz, sem condições de sobrevivência, sem esperança de situar-se no

mundo como projeto de vida, sem ser sujeito de sua história. É estar abandonado nas mãos dos poderosos, que manipulam vidas e existências segundo seus interesses. É estar emudecido sem vez nem voz, em uma sociedade, onde o objetivo não é a pessoa humana e sua plena realização.

O menor que se encontra abandonado é a mais dura testemunha de acusação à uma sociedade desumana, onde estão ausentes os valores sociais que privilegiam o homem como fim e não o usam como meio.

O menor abandonado, é utilizado como mão de obra barata, como objeto de filantropia, é o sinal de uma sociedade que joga fora a vida, é o sinal do desespero dos adultos que expulsam a criança de sua vida, por não terem condições de acolher o dom mais precioso que nos é legado.

O menor abandonado é sinal visível e inequívoco de que um grande contingente da população está abandonado também, e, além disso, oprimido e espoliado.

Acreditamos que esse menor, tido como restolho da sociedade, abandonado à própria sorte, pode ser envolvido em um processo que seja capaz de transformar a opressão em justiça, a exploração em solidariedade, o ódio em amor e que essa transformação torne o menor/criança.

Essa transformação só será possível e verdadeira se os abandonados da sociedade forem os agentes desse processo de mudança de instauração de uma nova sociedade justa e fraterna.



Semana do Menor

1. Desde setembro de 1980, um grupo de Pastores das várias Igrejas, por iniciativa do Dr. João Parayba, reuniu-se para, juntos, pensarem uma Ação Pastoral em favor do Menor.

Este grupo ecumênico acolheu a idéia de realizar uma "SEMANA DO MENOR". Para tanto foi constituída uma Comissão Executiva, com sede na Casa do Menor, à Rua Eloy Cerqueira, 46 - Belém - Fone: 93-0277 - que foi tratando dos objetivos, temas, dinâmica e outros assuntos ligados à iniciativa.

Esta Semana foi planejada para os dias 8 a 15 de novembro e correspondeu ao programa 1.6.2 do quadro de atividades do 3º Plano de Pastoral, ou seja, a Semana do Menor da Arquidiocese de S. Paulo. Nesta ocasião, haveria oportunidade de rever nossa caminhada, replanejar nossa ação e nos integrarmos com nossos irmãos de outras Igrejas que também se sensibilizaram com a situação do menor. Seria uma oportunidade também para apresentação de experiências, para refletir juntos, para rezar juntos.

2. Os dias 8 a 15 de novembro seriam especialmente dedicados à oração nas Igrejas. Houve várias iniciativas significativas.

3. Como um dos marcos da abertura da nossa Semana do Menor, D. Paulo Evaristo Arns, com seus Bispos Auxiliares e Sacerdotes, concelebraram a Eucaristia às 10,30 hs., do dia 8, na Catedral. Foram convidados Agentes de Pastoral e pessoas engajadas, para participarem deste momento de Oração, Fé e União em torno do Menor. Foram convidados também crianças dos Centros Educacionais Comuni-

tários, das Instituições e dos Lares, que cantaram e participaram intensamente do ato religioso.

4. A dinâmica prevista para os trabalhos da Semana seria a seguinte: pela manhã, estudo em grupos; à tarde, exposição de experiências; à noite, apresentação da síntese do dia, com debates entre os participantes e convidados especiais.

5. Para os trabalhos de grupos, foram treinados monitores, que atuaram como auxiliares no estudo dos diversos subtemas propostos para a Semana. Por isso, foram convidados sobretudo aqueles que já se dedicam ao trabalho do Menor há algum tempo.

6. As experiências ou trabalhos específicos seriam apresentados no período da tarde. O pessoal das Igrejas (grupo ecumênico) e de Regiões Episcopais fizeram indicações e sugeriram experiências a serem apresentadas, para a Comissão Ecumênica.

7. Para a divulgação da Semana do Menor, foram distribuídos cartazes e folhetos-programa, pelas Igrejas, Templos, Casas e Instituições.

Eles podem ser solicitados à Sede da Casa do Menor.

8. As diversas comissões, constituídas para a preparação da Semana, cuidaram no sentido de proporcionar as melhores condições para o bom ritmo do trabalho.

A Comissão de Liturgia de cada Igreja, ficou responsável pela espiritualização de um dia da Semana. Foram solicitados discos, cassetes e letras de cantos, referentes ao Menor, para serem selecionados, a fim de que todos pudessem participar.

Comissão Executiva

A SEMANA, NA PRÁTICA

A "semana" está se desdobrando em atividades. Numa linha, a Pastoral do Menor continua mais intenso seu trabalho na Arquidiocese.

Na linha ecumênica, os contatos e trabalhos prosseguem. Na primeira segunda-feira, de cada mês, acontece reunião ecumênica, sempre noutra Igreja.

A realização das PROPOSTAS da "semana", que as várias comissões votaram no encerramento, ficaram a critério da iniciativa das várias Igrejas. Esta ação poderá ser em conjunto ou individualmente por Igreja.

O trabalho integrado, assumido ecumenicamente por todas as Igrejas, foi o PLANTÃO ECUMÊNICO DO MENOR. Como serão e quais serão os próximos passos, a prática do "plantão" é que vai sugerir.

Para o "plantão", algumas Igrejas vão oferecer o local (Igreja Luterana do Paraíso); outras apresentarão agentes do "plantão"; outras fornecerão meios financeiros, e assim por diante.

Dessa forma, o desejo de todos, que a "semana" fosse à prática, está acontecendo, sob o sopro do Espírito.

ROTEIRO

O roteiro seguido na edição deste boletim, obedece à sequência dos dias da "semana do menor".

Aborda o que foi tratado nos grupos da manhã; expõe as experiências apresentadas à tarde; e resume os debates da noite.

Intercala alguns depoimentos retirados a esmo das avaliações pessoais.

Apresenta as propostas das comissões, na íntegra.

Conclui com a mensagem da "semana".

Isso, na esperança de prestar o serviço caridoso de informação a todos os participantes e aos que se interessam pela causa do menor.

"Mamãe Clory" prepara festa para seus filhos

Um Natal com muita alegria e amor, tranquilidade e esperança. É o que "Mamãe Clory" deseja para seus 180 filhos. Essa imensa família, que ela cultiva numa ampla casa em São Bernardo do Campo, no distante bairro de Assunção, existe há mais de 40 anos, "sempre com filhos renovados, mantendo os antigos". O Lar da "Mamãe Clory" abriga menores órfãos e é mantido pela Associação Cristã "Verdade e Luz".

Para fazer uma festa bem bonita, com presentes para todas as crianças (a maioria delas adotada), "Mamãe Clory", uma gaúcha de Alegrete, sempre bem humorada, está preparando, para este domingo, um grande bazar beneficente, cuja renda será revertida em prol da manutenção das crianças.

A partir de dez horas do dia 13, no Lar (rua Francisco Visentainer, 438 — Bairro Assun-

ção, em São Bernardo do Campo, próximo ao Hospital Psiquiátrico "Bezerra de Menezes") haverá inúmeras atrações, como leilão, bazar, jogos infantis, sorteios de valiosos brindes, além de salgadinhos e doces. E, para isso, está convidando todos os interessados a comparecerem à festa.

COMO COMEÇOU

Clory Fagundes Marques casou-se em março de 1940, em Ponta Porã, Mato Grosso do Sul. Uma semana depois, encontrou uma menina na porta de casa. Uma semana depois, outra criança. E outra, e mais outra. E assim é até hoje. Por sua casa já passaram pelo menos cinco centenas de crianças órfãs ou abandonadas, que cresceram junto com seus filhos de sangue, que ela não diz quantos são. "Para mim são todos iguais, todos estão registrados em meu nome." Saindo de Ponta Porã, por 26 anos mo-

rou em Andradina, no Interior do Estado.

Há 11 anos está instalada numa imensa área no bairro de Assunção, em São Bernardo, cedida pela Prefeitura. Lá, ela e seus filhos — (o Lar não tem empregados, pois os meninos e meninas maiores cuidam dos pequeninos) tratam de uma pequena criação, com perus, patos e galinhas e de uma horta, onde plantam o essencial entre frutas, legumes e verduras.

"NUNCA DESANIMEI"

Para manter toda esta imensa família — e ela faz questão de frisar que possui "filhos" espalhados por todo o País, pois 55 já estão casados e morando em outras cidades — conta apenas com a ajuda e boa vontade de colaboradores.

O Lar é declarado de utilidade pública estadual e municipal, mas não possui nenhum tipo de subvenção. Com 63 anos de idade, "Mamãe Clory" diz

que, apesar disso, nunca suas crianças passaram por grandes dificuldades: "Quando a despensa começa a esvaziar, sempre aparece uma pessoa de boa vontade trazendo mantimentos, roupas e brinquedos. Nunca desanimei, porque nunca faltaram força e esperança."

Para o Natal, "Mamãe Clory" está esperando, como sempre acontece, seus 55 "filhos" casados. Eles chegam dia 24, acompanhados de filhos e netos (em alguns casos) e, normalmente, juntando com seus 180 filhos que ainda moram no Lar, a festa não conta com menos de 300 pessoas. Por isso é que Regina Maura, uma das filhas, de 23 anos e estudante de Biologia, costuma dizer que "se o Natal é uma festa alegre para se passar ao lado da família, este é o melhor lugar. Afinal, quem não se alegra em ter mais de 200 irmãos?"

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal FOLHA DE PAULISTA

Data 11/12/81

Pág. 1

Pasta n.º

N.º do recorte

Bancos patrocinarão creches-casulos

BRASÍLIA (FT) — Foi firmado ontem no Palácio da Alvorada um protocolo de intenções através do qual a rede bancária destinará recursos para instalações de creches-casulo da LBA destinadas a proporcionar atendimento pré-escolar a crianças de até seis anos de idade, incluindo os filhos dos bancários.

A sra. Dulce Figueiredo, presidente de honra do Programa Nacional de Voluntariado da LBA, o ministro Jair Soares, da Previdência e Assistência Social, o ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, a presidente da Legião Brasileira de Assistência, Léa Leal, os presidentes do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal, Oswaldo Colin e Gil Macieira, e o presidente da Fundação Nacional dos Bancos, Teófilo de Azavedo Santos, firmaram o protocolo.

PROTOCOLO PERMANENTE

O documento estabelece que as agências bancárias de todo o País (oito mil), das quais 30% do Banco do Brasil e da CEF, vão realizar a adoção financeira das creches da LBA, destinan-

do o valor de uma Obrigação Reajustável do Tesouro Nacional (hoje em torno de Cr\$ 1.400.000) por criança atendida, no máximo de 35 crianças em cada creche-casulo. Isso permitirá, em 82, que a rede de creches da Legião atenda a mais de 280 mil crianças além das 300 mil hoje assistidas em seus casulos. Os recursos aplicados pelo sistema bancário no programa de creches são dedutíveis do Imposto de Renda.

A LBA opera e mantém a maior rede de creches do País. Nos casulos, as crianças permanecem oito horas por dia, recebendo duas refeições, além de assistência médico-dentária e recreação. O protocolo firmado é permanente, não tendo limite de prazo. A instalação de creches será feita através de convênios entre cada uma das oito mil agências bancárias e o Pronav-LBA.

Segundo Léa Leal, o ministro do Exército, general Walter Pires, já comunicou o seu apoio, autorizando o levantamento das áreas pertencentes ao seu ministério e disponíveis em todo País para oferecê-las à LBA.

As mulheres e a tentação do poder

IREDE CARDOSO

Tenho recebido inúmeras reclamações sobre o comportamento das mulheres, de modo geral. Dizem-me que "elas" são fofas, chorosas, implacáveis, autoritárias, que perseguem companheiras de trabalho. Nada mais compreensível e, ao mesmo tempo, lastimável. Que as mulheres terão que se transformar muito ainda para entender que o mundo só será transformado, para melhor, quando, de dentro de nós mesmas, for retirado, cuidadosamente, o verme da cobiça, do poder, da presunção, do autoritarismo, do rancor, não há dúvida. E isso só poderá ocorrer àquelas que tiveram a oportunidade de experimentar, ao menos uma vez, um grande amor, um enorme sentimento de prazer, de doação, no qual nada se perde, tudo se transforma.

Convenhamos, além disso, que esse problema não é específico da mulher. Que temos tido exemplos vigorosos de exercício arbitrário do poder, vindo do mundo masculinizado em que vivemos. E que, sem o devido senso crítico, aprendemos inadvertidamente. Compete aos que percebem esses desvios responsáveis pela anti-solidariedade, uma chamada amorosa, sem esmorecimento. Sem rancor.

É evidente que está mais do que na hora de as mulheres começarem a discutir um importante ponto nevrálgico em nossa estrutura social: o poder. Teoricamente, os grupos feministas têm se empenhado em denunciar todo esse autoritarismo que existe dentro de todos nós. Mas, na prática, é claro, a reeducação não é fácil. Nesta hora em que as mulheres estão se empenhando em chegar a um poder político, candidatando-se a candidaturas, nada mais importante que refletir sobre a questão. Se o feminismo propõe uma mudança radical no comportamento, seria a maior decepção se as candidatas comessem a se comportar como "qualquer um". O momento é crucial porque provará se o caminho que vem sendo traçado por grupos feministas é correto ou sucumbirá na mesmice de um reformismo barato.

A tentação do poder, desse poder que aí está, é extremamente perigosa. O poder —



sempre disseram — corrompe. Mas é preciso entender que o poder pode ser outro, dependendo do uso que se faça dele. Essas esperanças podem parecer visionárias, mas temos tido provas, na história da humanidade, embora poucas, de que é possível exercer um tipo de poder que é representativo e beneficiador de largas parcelas da população carente. E um poder de justiça, em favor da vida.

Qualquer princípio político pode ser questionado, mas somente os nazistas questionam a importância da vida, da cultura, do lazer, da liberdade e da vida digna para todos.

Há pequenos poderes muito importantes, como por exemplo, daqueles que são responsáveis pelo que se faz nos órgãos de comunicação. Uma pequena história, a propósito, nos dá conta de que uma das participantes do programa do canal 13, Scarlet Moon ("Variety"), que delatou falácia contra judeus, falando de senhoras judias, gordas, chelas de varizes. Evidentemente, as reclamações não se fizeram tardar. No dia seguinte, dona Scarlet Moon retratou-se apenas no que se

relaciona ao preconceito contra os judeus. Voltou a insistir nas velhas gordas e chelas de varizes. Mas, dona Scarlet, as pessoas democratas também defendem as velhas gordas e chelas de varizes, além dos judeus. Já pensou? Espero que a sra. não engorde e não venha a ter varizes, mas, se isto por acaso acontecer, não permitiremos que alguém venha a ofendê-la.

São essas pequenas histórias que nos deixam preocupadas. O fascismo afetivo está lá dentro, escondidinho dentro de nós e, de repente, até em atos falhos ele vem aparecendo, criando embaraços. Quem sabe quantas mulheres velhas, gordas, chelas de varizes, pobres e tristes, assistam o "Variety" todas as noites? Dona Scarlet Moon, é uma pena que seu amor não seja mais generalizado. É uma pena mesmo, porque, sem querer, a senhora ofendeu uma grande parcela de nossa população feminina brasileira: justamente aquela que, diferentemente da sra., não teve oportunidade de se cuidar, emagrecendo e cuidando das pernas sofridas. Não vá sonhar com elas.

Criticadas as tendências políticas de feministas

IREDE CARDOSO

A formação da União das Mulheres do Município de São Paulo, no dia 6 passado e a Federação das Mulheres Paulistas, há alguns meses, está provocando reação crítica de outros grupos que consideram fundamental manter a independência do movimento feminista, sem ligações com partidos ou tendências políticas.

Para Vera Lúcia Soares, do grupo Sociedade Brasil-Mulher, um dos mais combativos de São Paulo e que participou da realização, com outras entidades, dos 1.º, 2.º e 3.º Congressos da Mulher Paulista, é necessário que as mulheres falem por si próprias, passem por um processo de organização sem que suas consciências deixem de ser levadas em consideração.

"Estamos cansadas — diz ela — de ouvir grupos que falam em nosso nome e de aparelhismos. Eu sou filiada ao Partido dos Trabalhadores e, como tal, faço parte do grupo de mulheres do PT. Nós sequer cogitamos ou apoiamos qualquer entidade controlada por partidos políticos. Por isso, estamos dentro de um partido e, quando aderimos a uma entidade feminista, deixamos de lado os propósitos partidários, e passamos a atuar como pessoa. É a dupla militância."

Vera Lúcia Soares assinala que as entidades que organizaram o 1.º, o 2.º e o 3.º Congresso da Mulher Paulista, junto com as delegadas, deliberaram não formar entidades que só sirvam como "camisa de força" para manipular a vontade das mulheres.

Silvia Pimentel, advogada e candidata à candidata pelo PMDB, membro da Frente de Mulheres Feministas, também assinala a necessidade da independência política do movimento feminista que não pode ficar atrelado a

partidos ou tendências políticas porque — diz ela — o partido deve servir às reivindicações específicas da mulher e não se servir dela."

A Frente — prossegue Silvia — abriga mulheres de todos os partidos e decide apenas o que é de interesse para a mulher em nossa sociedade. Nesse sentido é importante ter cuidado e enfrentar o problema das creches, da sexualidade, ou dos direitos iguais, entre outros: assuntos que vêm interessando todas as mulheres independentemente do partido ao qual pertencam.

A Fundação da Federação das Mulheres Paulistas não foi apoiada pelas entidades feministas que organizaram os três primeiros congressos, porque a nova organização não só é atrelada ao jornal "Hora do Povo", como também pelo fato de defender idéias contrárias às reivindicações feministas, tais como, por exemplo, a de criticar homossexuais. Além disso, as mulheres da "Hora do Povo" criaram vários problemas por ocasião da realização do 2.º Congresso da Mulher Paulista, que terminou com violência, assim como no 3.º, quando as discordâncias se tornaram mais nítidas.

Quanto à União das Mulheres do Município de São Paulo, atrelada ao jornal "Tribuna da Luta Operária", Vera Lúcia Soares assinala que a imprensa noticiou o evento assinalando o apoio do Partido dos Trabalhadores, entre outros. Essa declaração é considerada improcedente — diz ela — e teve origem em informações prestadas pela presidente da mesa, na sessão de domingo.

As mulheres do PT, integrantes da Comissão de Mulheres do Partido dos Trabalhadores de São Paulo, consideram que o apoio não existiu, tendo somente comparecido ao local do en-

contro três membros e apenas como observadores.

Vera Lúcia Soares assinala que as mulheres do PT defendem e participam de amplo movimento social de mulheres, mas autônomo, isto é, sem subordinação partidária e organizado em torno das reivindicações assumidas nos Congressos, que são: para trabalho igual, salário igual; creches nos bairros e locais de trabalho e acesso à saúde para todas as mulheres.

Dessa forma, elas consideram que campanhas como a da Constituinte, que são polêmicas na sociedade e no movimento das mulheres, não podem ser impostas.

Por isso, entendem que a indispensável unificação das lutas das mulheres pode e deve ser realizada através das coordenações democráticas, decididas nos Congressos. A deliberação de não se criar qualquer entidade que falasse em nome das mulheres foi assumida porque não se deseja criar falsos porta-vozes que servem apenas de correa de transmissão de partidos, pouco contribuindo para a unificação real das lutas das mulheres.

"Por estas razões — assinalam — não participamos da criação da União das Mulheres do Município de São Paulo, nem da Federação das Mulheres Paulistas, entidades que encobrem tentativas de manipular o movimento de mulheres."

Para eles, a única garantia existente para fazer valer a voz das mulheres frente ao arbítrio e a opressão é lutar pelo fortalecimento de movimentos independentes, repudiando-se métodos autoritários e desonestos que nada têm a ver com a prática igualitária e democrática.

"Nós defendemos, no PT, essa prática, na perspectiva de uma sociedade socialista", diz Vera Lúcia Soares.

Projeto propõe instalação de 50 creches

O Grupo de Assessoria e Participação — Gap, lançou ontem, no Palácio Bandeirantes, o Projeto Marco — Múltipla Ação Regional Comunitária. Segundo o presidente do Gap, eng.º Roberto Paulo Richter, a iniciativa se propõe a instalar, inicialmente, 50 creches em igual número de distritos da Capital, harmonizando uma ação comunitária empresarial com o poder público. Para a instalação dessas creches-mães, a Prefeitura cederá áreas e o Gap motivará o empresariado a participar ativamente da sua implantação e gerenciamento.

O presidente do Gap explicou ainda que o Projeto Marco se propõe a estabelecer um relacionamento íntimo entre a comunidade carente e as lideranças de atuação empresarial, entusiasmando-as a carrear recursos para fins sociais.

A idéia de se implantar creches em São Paulo — segundo informou Richter — partiu de sugestão apresentada pelo Grupo de Assessoria e Participação — núcleo de Política Comunitária do 15.º Distrito Policial (Itaim).



Modelo das creches a serem instaladas na Capital

O Projeto Marco, por se constituir em entidade civil sem fins lucrativos, pretende agregar todos os segmentos da sociedade, embora não venha dispensar, em futuro, o apoio da área oficial.

Mas não se propõe a conflitar com obras sociais análogas já em funcionamento.

“O que pretendemos — garantiu Richter — é estimular o empresariado a desenvolver o nosso Produto Nacional Comunitário, uma vez que atualmente muito se busca sen-

sibilizar áreas governamentais, intelectuais e promocionais para essa tarefa e ao empresário fica apenas o encargo financeiro. Nós desejamos é contar com a participação ativa de todos, especialmente do empresário, que poderá fornecer elementos humanos (tal como contador, economista, datilógrafo etc.) para o gerenciamento das unidades Marco.

“Está provado — disse Richter — que uma creche não pode ser administrada só por

psicólogos, nutricionistas ou assistentes sociais. É preciso que mantenham sua contabilidade em dia, suas obrigações sociais e escrituração. Daí pretendemos que essas unidades sejam gerenciadas pelos empresários dos bairros em que forem instaladas.”

As creches-mães, que o Projeto Marco irá instalar nos distritos da Capital, atenderá à demanda da população infantil até os seis anos.

Na reunião anual dos três mil membros do Gap, que se realiza hoje no Palácio Bandeirantes, com a presença do governador Paulo Maluf, o presidente do Gap formalizará a ata de constituição do Projeto Marco.

Paralelamente ao Projeto Marco será implantado o Programa Orion, que se destina a formar mão-de-obra e descobrir vocações profissionais, mediante a ocupação da população feminina, em especial. Assim, enquanto os filhos estiverem nas creches, as mães se dedicarão a tarefas artesanais, contribuindo para a melhoria do orçamento doméstico. É o Programa Eco, de estímulo à ação social.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: OEST SÃO PAULO

Data: 16/12/81

Pág. —

Pasta n.º

N.º do recorte

Estado anuncia 50 creches

Em um ano serão construídas 50 creches nas regiões carentes de São Paulo com cada unidade capacitada para abrigar, inicialmente, 120 crianças na idade pré-escolar. A primeira creche começará a ser construída, amanhã, na região do Butantã e deverá ser inaugurada em 90 dias. Essas unidades fazem parte do Projeto Marco — Múltipla Ação Regional Comunitária —, anunciado ontem pelo presidente do Grupo de Assessoria e Participação do Governo — GAP — Roberto Paulo Richter.

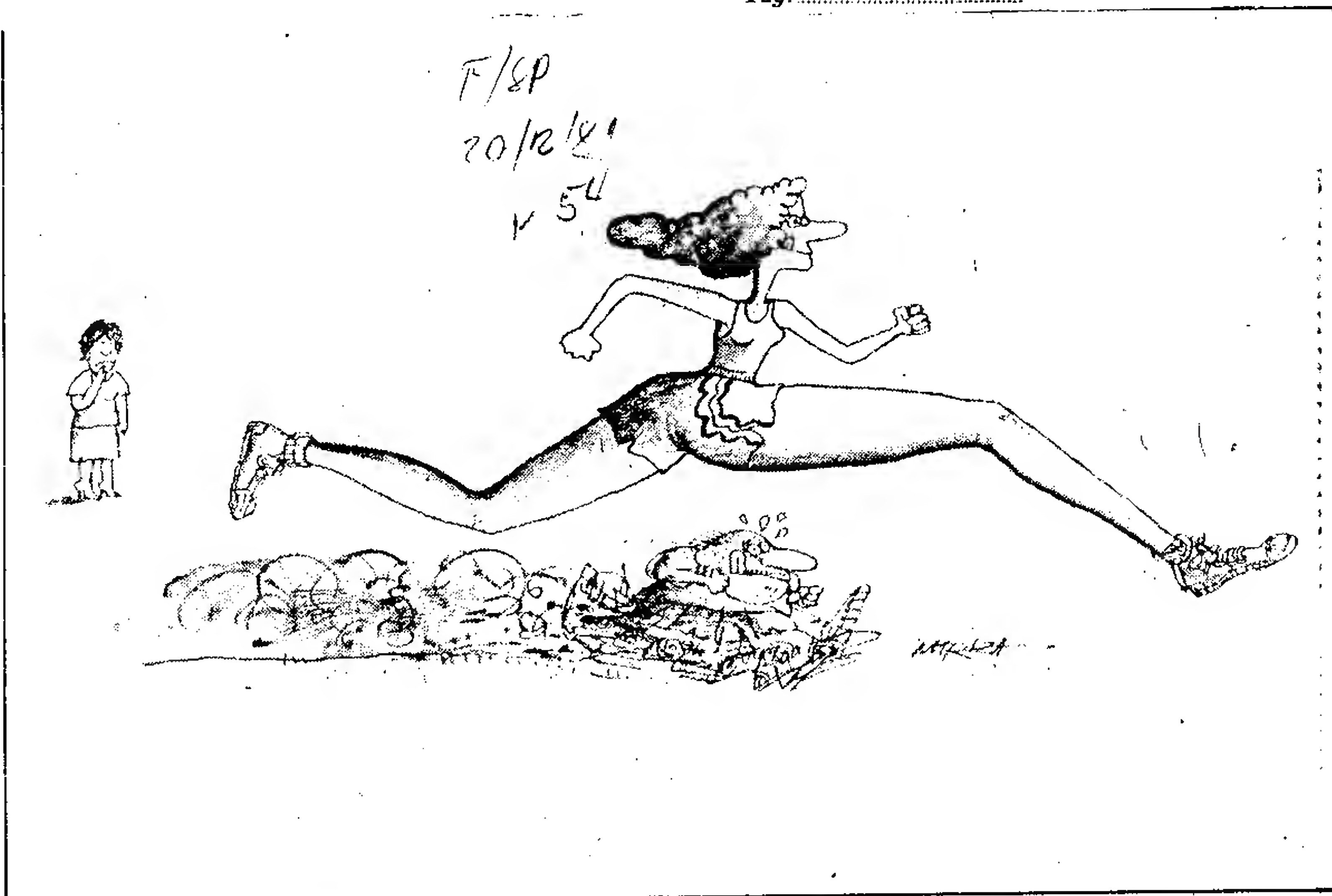
Segundo ele, o "objetivo básico do projeto é estabelecer um relacionamento íntimo entre a comunidade e as lideranças de atuação empresarial". Dessa forma, o Poder Público, por intermédio da Prefeitura, ficará encarregado de apoiar a iniciativa e ceder terrenos para construção das creches; à comunidade, aos empresários e aos comerciantes locais caberão a obtenção de recursos e a tarefa de construir e equipar as creches, bem como administrá-las e mantê-las.

O projeto Marco está dividido em três atividades principais: o programa da creche-mãe; a orientação profissional em núcleos selecionados (Programa Orion); e os esforços comunitários selecionados (Programa Ecos). O Programa Orion será desenvolvido ao lado da creche, onde estarão instalados centros promotores de ocupação diversificada, principalmente para a mulher, inclusive de atividades que possam ser desenvolvidas no próprio lar.

Esse programa tem como objetivo dar uma orientação ocupacional à mulher, por meio de treinamento para poder qualificá-la profissionalmente, a fim de que ela possa colaborar no sustento da família. Já o Programa Ecos prevê a reunião e aproveitamento de idéias e sugestões feitas pela comunidade e que possam estimular a capacidade dos moradores para solucionar os problemas sociais da sua região.

As creches serão construídas junto às delegacias distritais de polícia, sendo que a primeira será instalada em terreno cedido pela Prefeitura, na área do 34º Distrito Policial. Essa creche-piloto está sob a responsabilidade de Theobaldo de Nigris, presidente do Gap da Secretaria de Indústria e do Comércio; do ex-ministro Renato Costa Lima, membro do GAP do governador; e pelo GAP da Polícia Comunitária do 34º Distrito Policial.

Ela servirá de modelo para as outras creches que também serão construídas no decorrer de 1982. O Projeto Marco é uma construção modular e pré-fabricada, para permitir rápida instalação e pronto funcionamento. Inicialmente terá 500 metros quadrados de área, contando com salas de aulas, refeitório e pátio cobertos, sala de espera para as mães e um local reservado para assistência médica às crianças. Como é estruturada modular, as creches poderão ser ampliadas sem dificuldade.



A unanimidade feminista

IREDE CARDOSO

Um companheiro de trabalho que eu admiro muito, escreveu, esta semana, sobre os pontos obtidos por mulheres em competições esportivas. Ele abre seu interessante artigo com uma pergunta: "Isso sim que é feminismo?" Bela indagação, essa. Porque as feministas têm visto redobrar os ataques, muito mais à expressão "feminismo" do que ao feminismo propriamente dito. Por exemplo, a Regina Papa, que declarou a frouxidão dos homens, (com o que não concordamos) líder no Karatê, essa arma mortífera, declarou que não era feminista porque não gostava de passeatas, manifestações, cartazes. Bom, suponho que esse conceito de feminismo é extremamente superficial. Uma questão, portanto, digna das maiores reflexões e aí está o louvadíssimo papel desse jornalista incrível que é o Mino Carta.

Santo Deus! Tarefa difícil, cada vez mais difícil, a de definir o feminismo, atualmente, em nosso País. É claro que nós estamos tentando implantar um pensamento feminista com várias características absolutamente humanistas. Mas quem somos nós para falar em nome das mulheres brasileiras, em nome do povo, em nome de grupos? Na verdade conseguimos uma certa unanimidade com relação a determinadas questões. A primeira delas, é a da legalização do abortamento. Nesse ponto concordam todas, inclusive as da "Hora do Povo" e as da "Tribuna da Luta Operária". As primeiras, como todos já deveriam saber, compõem um

grupo bastante criticado pelas entidades que coordenaram o 1.º, 2.º e 3.º Congressos da Mulher Paulista. Isto, em São Paulo. E já deveriam saber também por que: representam entidades fantasmas, usam de expedientes muito pouco recomendáveis para chegar ao poder e são cupulistas e manipuladoras. Querem impor programas políticos às mulheres e não ouvi-las. E quanto às entidades criadas para servir uma determinada tendência política, como é o segundo caso, nossas críticas têm sido essa mesma: queremos que os partidos abram espaços para nossas reivindicações e não nos utilizem, como tem sido habitual.

Qual a outra unanimidade? Excluindo-se, então, esses dois grupos, que não vamos obviamente poder englobar, a Associação de Mulheres, o Brasil Mulher, a Frente de Mulheres Feministas e o SOS Mulher, creio, e alguns outros, ao menos teoricamente, abominam a luta pelo poder e a competição. Em esporte, então, não conseguimos ver um milímetro de feminismo. Assim como não achamos que "mulher é maravilhosa" porque ocupa a presidência de um partido, porque deu um golpe magnífico de karatê, ou qualquer outra coisa. Para essas feministas, (nas quais me incluo) a mulher é um ser humano que ao ter consciência do quanto homens e mulheres andam separados, vivendo uma verdadeira guerra, querem — oh! sonho pretensioso! — que façam um longo armistício. Que o homem não pense na mulher como um ser comestível. Que não a considere

sempre com "tête d'oiseaux", especialmente quando é bonita, dentro dos padrões hoje vigentes em nossa estética fascista. Que não a considere objeto de ostentação, de exploração, de opressão. E bota vice-versa nisso.

A outra unanimidade, nesses mesmos grupos, diz respeito ao preconceito contra os homossexuais. As feministas que têm uma consciência muito grande do que seja a opressão estão do lado dos oprimidos de todo mundo (de pé...), para defender os direitos humanos, independente das escolhas sexuais. Afinal, definir uma pessoa pelas preferências afetivas, é muito pobre. Também somos a favor de que não se defina a mulher pela maternidade (como fazem as meninas da HP). É de uma miséria feia.

Vamos falar mais em nossas microrreivindicações: queremos ainda uma magnífica democracia dentro de casa, com o companheiro. Como você vê, Mino, somos sonhadoras. Mas telmosas. Queremos ainda não ter um "chefe", por lei, ao nosso lado, nos recantos domésticos. "Chefe", geralmente, você sabe... Queremos ter prazer e ser donas de nossos destinos e de nossos corpos. Mas não assim, como poderia parecer, uma pretensa liberaçãozinha de nada. Isso só daria no que está dando: multiplicação de motéis. Nada temos contra eles, apenas são instituições neopositivistas. Será que deu para entender que o direito (e não as mordomias) das mulheres deve ser o mesmíssimo dos homens? E, viva as diferenças, claro!

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal *C. E. S. SP*
Data *22/12/81*
Pág. *1*

Parte n.º

N.º do recorte

Bancos vão dar auxílio às creches

C. E. S. SP
Da sucursal de
BRASILIA *2/12/81*

As agências bancárias de todo o País (oitto mil), das quais 30% do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal, vão realizar a adoção financeira das creches da Legião Brasileira de Assistência, destinando o valor de uma Obrigação Reajustável do Tesouro Nacional (cerca de Cr\$ 1.400) por criança atendida, no máximo de 35 crianças em cada creche-casulo.

Isso é o que prevê protocolo de intenções assinado recentemente no Palácio da Alvorada, por d. Dulce Figueiredo, na qualidade de presidente de honra do programa nacional de voluntariado da LBA, pelos ministros da Previdência Social e da Fazenda, os presidentes do Banco do Brasil, da Caixa Econômica Federal, da Federação Nacional de Bancos e a presidente da Legião.

A iniciativa, segundo a presidente da LBA, Lea Leal, vai permitir que em 82 a rede de creches da Legião atenda a mais de 280 mil crianças, elevando o número de assistidos para 580 mil crianças. Os recursos aplicados pelo sistema bancário no programa podem ser deduzidos do Imposto de Renda.

Adoção, ou não adoção?

Ilson de Barros e
Ruth Vianna Coimbra

A sociedade brasileira carrega muitos preconceitos, a adoção infelizmente ainda é um deles. "Deixa pra lá. Você viveu bem até agora sem filhos. Tá querendo arrumar problema. Você nem sabe direito quem são os pais. Essa criança só vai te dar dor de cabeça!" Essa mentalidade, diz Maria Antonieta, assistente social do Juizado de Menores há 16 anos, só emburrece o processo de adoção, e revela preconceito, como se um filho original não trouxesse problemas. Mas para os casais que não pensam desta forma, que acreditam no amor, na educação, e pretendem fazer adoção, podem se inscrever em um dos três postos existentes em São Paulo. Amparo Maternal, Instituto Sampaio Viana ligado a Febem ou Hospital das Clínicas. Para isto, é necessário que um dos cônjuges tenha mais de 30 anos, sendo casados no mínimo há cinco anos, e um atestado de boa saúde e antecedentes. Porém, o mais importante, afirma Maria Antonieta, é que o casal tenha inteira disponibilidade de receber a criança como filho. Não é necessário grandes posses, como essa sociedade capitalista apregoa. Claro que a família deve dispor de um orçamento mínimo para manter a criança. Mas não vai nenhuma fábrica de dinheiro. Um fato engraçado, que reflete isto, é quando as pessoas nos procuram para adoção — continua Antonieta — e trazem suas escrituras da casa e certificado de propriedade do carro. O que é bastante comum.

No fim do ano passado o Código de Menores sofreu uma alteração benéfica quanto a adoção. Antes, caso os pais não abrissem mão do patríio poder, o menor deveria passar quatro anos numa instituição, ou três em um lar substituto. Neste período se os pais ou responsáveis não procurassem pelo mesmo, aí era declarada situação de abandono. A partir disso podia-se fazer adoção. O patríio poder caducava. Agora este prazo passou para um ano, facilitando bastante o processo burocrático para adoção.



PRECONCEITO E MISÉRIA

Pior que o preconceito são as condições que a sociedade não adota, exclui. Aquelas que permanecem no lar que nasceram, mas não em condições mínimas de vida. Isto que ocorre com a maioria das crianças no Brasil. País que investe pouquíssimo em recursos sociais e educação. Isto em razão de uma sociedade de classes que optou por um sistema capitalista, dependendo em que o homem é um meio para o enriquecimento de uma pequena minoria, marginalizando o resto. Gerando assim, uma situação de miséria e opressão. Esta é a realidade da criança brasileira, diz o ilio Renato Lanceloti, membro da Comissão Pastoral do Menor. Este é um problema mais grave ainda, e faz com que na maioria das vezes os pais sejam obrigados a doar seu filho. O principal trabalho que a Comissão Pastoral do Menor vem desenvolvendo é com crianças em comunidades de periferia. O trabalho objetiva levar à comunidade, pensar na educação de suas crianças. A fazê-la se engajar no processo de educação de seus menores, e não passar toda essa responsabilidade para escola, igreja ou Estado. As próprias crianças e famílias são estimuladas a participarem do seu processo de educação e transformação social.

Para a irmã Rosina, diretora do Amparo Maternal há sete anos, o problema chave da adoção também está no fator sócio-econômico. Bastava que as pessoas tivessem casa, comida, um salário digno, escola, enfim o necessário para o homem viver, e nós teríamos uma grande diminuição no número de adoções. Cada mãe que entrega seu filho sofre terrivelmente — diz irmã Rosina — é um ato desumano disprender-se do ente que nasceu dela mesma. É algo realmente triste, mas que elas fazem para que o filho subsista e não seja um delinquente amanhã. Então a perspectiva delas é salvar o filho. O que é um ato de amor.

O Amparo Maternal existe há 42 anos, sendo que hoje passam de 16 a 20 mil mães por ano, 10 mil lá dão a luz. Dessas 10 mil crianças que nascem, apenas 200 são adotadas. Muitas passam parte do seu período de gestão no Amparo dando a luz e saem com seu filho. Como é o caso de uma professora primária de 32 anos, que veio da Bahia. "O pai da criança não queria que eu assumisse o filho. Mas pretendo tê-lo, e me dedicar a ele. Fiquei sabendo do Amparo através da revista Família Cristã e aqui comprovei o que a revista dizia. Encontrei bastante apoio e carinho. Esta experiência está sendo muito difícil, principalmente sendo solteira, mas estou enfrentando".

Todo nosso trabalho aqui, diz irmã Rosina, o esforço principal é para que a mãe não dê seu filho. Temos uma retaguarda, chamada de comunidade de mães, em número de 6 a 8; que se agregam para morar juntas e dividirem as despesas. Temos um trabalho também junto ao menor filho de mãe psicopata, saúde precária. Estas crianças são acolhidas até que a mãe se recupere. Ao final, irmã Rosina lembrou que os que puderem colaborar com o Amparo, que está em déficit no seu orçamento, é só adquirir os cartões de Natal, que se encontram nas igrejas de São Paulo.

EDUCAÇÃO NA VERDADE E AMOR

Para muitos pais que se sentem perdidos no tratamento com seus filhos principalmente os adotados, Ivone Salgado, 20 anos, filha adotiva fala um pouco de sua experiência e diz que o principal é os filhos receberem uma educação apoiada na verdade e amor. "É importante não se esconder da criança que ela é adotada. E lhe dar amor, assim ela cresce segura. Para mim eu encaro isso muito bem. Nasci em São José do Barreiro. SP. Sou a penúltima de uma série de sete. Eu fui a única adotada. Uma se casou. Está bem. Os outros descambaram. Foram para orfanatos. Meus pais não tinham condições de criar os filhos. Nasci completamente doente e fui desenganada três vezes pelo médico. Aí a D. Marina, que hoje é minha mãe, me acolheu. Já estava pra morrer. Tinha que fazer uma super alimentação. Já me senti marginalizada por ser adotiva, principalmente na escola".

O amor não tem cor

Um caso de adoção é feita por via da Curador de Menor de São Paulo, Domingo Calderaro que afirma ainda "ser pouco" porque — esclarece ele — existe uma quantidade imensa de crianças para serem adotadas". E isso acontece porque a colocação de crianças de primeira idade, principalmente de cor branca e de sexo feminino (se possível olhos azuis) é fácil. Existe mesmo maior procura do que crianças adotáveis. Segundo dr. Calderaro, o problema reside na colocação ou especificação na adoção de crianças com mais idade, de cor preto ou que apresentem problemas de saúde, como defeito físico por exemplo". Continuando o Curador diz que: "Esses menores constituem a grande legião dos chamados remanescentes, isto é aqueles que resultam institucionalizados em obras de internamentos".

Há um esforço por parte dos Juizados de Menores para facilitar as trâmites burocráticas para o desenternamento dos ofortunados, "para eles temos persuadidos possíveis interessados em recebê-los mediante simples termo de guarda. Hoje visto que o cumprimento de obrigação nesses casos assustam a nossa comunidade", finalizou.

Domingos Calderaro esclarece ainda como é feita uma adoção. Ele é o favor da adoção. Me diz "que quando a criança vive em clima de irregularidade familiar é melhor se fazer a adoção: Por lei e mesmo perante a vida os menores de idade devem se desenvolver no seio de uma família, preferivelmente na sua família de origem, tanto que o código de menores determina que "toda medida aplicável ao menor visará fundamentalmente à sua integração sócio-familiar, nos casos em que essa integração se torna impossível na família de origem. Há a possibilidade jurídica de colocação em lares substitutos. Esse sucedâneo se faz mediante a entrega do menor para terceiros, mediante guarda, tutela ou adoção".

ADOTAR UMA CRIANÇA DEVE SER UM ATO DE AMOR E NÃO DE HEROÍSMO

Para adotar uma criança devemos olhar através de duas éticas: pelo lado da criança e dos interessados. Com relação ao menor este deve estar declarado em situação irregular (antigo abandono), ser órfão ou que seus pais tenham sido destituídos dos direitos de "patrio-poder". Relativamente aos interessados basicamente devem ter idade superior a trinta anos. Esclarece dr. Calderaro — "cumpre lembrar que uma pessoa pode pleitear um dos tipos de adoção, chamada **adoção simples**". O menor geralmente é adotado por uma pessoa: homem ou mulher. Todavia pode vir a ser adotado por duas pessoas se forem marido e mulher, casados naturalmente pela lei civil. Nessa última hipótese o casal pode pleitear a chamada **adoção plena**. Não sendo necessário a espera de cinco anos de matrimônio se um dos cônjuges apresentar problema de **esterilidade**.

Os processos de adoção feitos pelos juizados de menores são totalmente gratuitos, tramitam em segredo de justiça e não há sequer a necessidade dos interessados contratar advogados.

Mensagem deixada pelo Curador de Menores Domingos Calderaro é de que "as pessoas que buscam adotar uma criança, seja como um ato de amor e não pelo simples ato de heroísmo".

Quanto aos possíveis problemas que uma pessoa que adote uma criança possa ter: do aspecto jurídico, nenhum problema é criado.

Festa de Ano Novo reunirá 55 filhos de "mamãe Clori"



Clori cuida de 180 crianças internadas

Atrás dos passos pesados das botas da gaúcha Clori Fagundes Marques correm pelo menos 20 de seus 180 "filhos", alguns dos quais registrados efetivamente com o seu nome. É assim que "mamãe Clori" faz questão de chamar as crianças que ela acolhe no lar, mantido pela Associação Cristã Verdade e Luz, uma instituição que começou de forma simples, em sua própria casa, quando morava em Ponta Porã, Minas Gerais.

Ela tinha oito dias de casada quando o primeiro bebê foi deixado na porta de sua casa. Já tinha cinco crianças adotadas quando teve o primeiro filho com o marido. Registrados, em seu nome, tem 55, todos adultos, casados. São eles que a auxiliam para levar à frente a instituição e que estão chegando, aos poucos, com os filhos, para passar as festas com a mãe, até se reunirem, todos, na ceia do Ano Novo.

O jeito de gaúcha ela nunca perdeu. Criada em fazenda, no Sul, depois acompanhando o marido, em Minas, Clori acostumou-se a andar de botas, uma calça comprida e uma camisa. Só. As botas não tira, às vezes, nem para dormir algumas horas, quando encosta o corpo cansado na cama, o barulho das crianças a forçando a levantar cedo e depressa. Tem que olhar o café, saber como andam as coisas. Ontem, Natal, as enormes mesas do refeitório ganharam toalha branca, frango, peru, leitão e, ao redor delas reuniram-se as 180 crianças internadas, mais os filhos que iam chegando. E mais alguns amigos, com as famílias, que não deixam de levar seu abraço nessas datas.

O INÍCIO

Clori casou-se com um moço pobre, no início da década de 40. Ela, filha de rico fazendeiro, sempre considerada "estranha" pela família, conta que foi deserdada quando começou a encher a casa de crianças. Antes de morrer, no in-

ventário, o pai lhe legou algumas jóias. E foram elas que Clori foi vendendo para dar educação às crianças. Tem filho médico, engenheiro, profissão de todos os tipos. É a eles que Clori recorre para ampliar uns quatinhos, tratar da criança, ou qualquer outro serviço, que sempre dispensa contratações fora da família.

César Luís Fagundes Marques, um de seus filhos, é formado em Física e atualmente estuda Medicina, "o que já me permite dar uns palpites para manter a saúde das crianças". Trouxe os três filhos para passar o Natal com a mãe, um deles retirado do próprio lar, onde havia chegado completamente desnutrido. Hoje, Clori já não registra tantas crianças, como fazia antigamente. Quando foi morar no interior de São Paulo, já com uma centena de crianças, chegava a registrar duas por semana. Era amiga do juiz, do dono do cartório, da cidade inteira. Hoje, segundo Clori, as adoções são muito mais difíceis.

O Lar tem 5 equipes de internados que comandam toda a instituição. Não existem funcionários — todos trabalham, os maiores assumindo as responsabilidades e orientando. Os bebês também são postos sob a responsabilidade dos mais velhos, com distribuição completa de serviços. Todos aprendem a fazer de tudo, desde limpar a casa, lavar e cozinhar, até afixar azulejos, pisos, ou fazer artesanato, nas horas vagas. O Lar tem uma máquina de fazer blocos de cimento e são os próprios internados, com o auxílio de um mestre de obras, que promovem as pequenas reformas na sede da instituição.

Sem qualquer subvenção governamental, segundo Clori, o Lar sobrevive com a ajuda dos "filhos" e de contribuições voluntárias. Faltar, nunca falta nada, segundo Clori. Se falta, ela não diz, mas afirma que, sempre que falta alguma coisa, surgem pessoas para ajudar.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *FOLHA STAVIC*
Data: *20/12/81*
Pág.: *1*

Pasta n.º
N.º do recorte.....

F/SP 29/12/81 p. 1
**No incêndio dos
barracos, duas
crianças mortas**

Os irmãos Edson e Amélia Leandro dos Santos, de 2 e 3 anos, respectivamente, morreram carbonizados, ontem à tarde, num incêndio que destruiu seis barracos da favela Parque Novo Mundo. Célia Cristina, 9 anos, da mesma família, e o operário Heleno Ferreira da Silva ficaram gravemente feridos e foram internados no Hospital de Vila Maria.

A Polícia acredita que o incêndio tenha começado no barraco 424 da rua Tenente Amaro Felicíssimo da Silveira, onde Benta Lianda dos Santos deixara os filhos trancados, para ir trabalhar.

Uma vizinha lembrou ter ouvido a menina Célia Cristina prometer que poria fogo na casa, se a mãe continuasse a trancá-los durante o dia. PAG. 12

(doc. incompleto)